

Glória Carvalho de Sousa



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Traduzir Andreï Makine – Tradução
comentada de
Le livre des brèves amours éternelles

“Projecto”

Faculdade de Letras

Universidade de Coimbra

Coimbra 2013

Glória Carvalho de Sousa

Traduzir Andreï Makine – Tradução
comentada de
Le livre des brèves amours éternelles

“Projecto”

Projecto de Mestrado em Tradução, especialidade de Inglês e Francês, orientada
pelo Professor Doutor João Domingues, apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra

2013

Faculdade de Letras

Traduzir Andreï Makine – Tradução
comentada de *Le livre des brèves amours
éternelles*

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Trabalho de projecto
Título	Traduzir Andreï Makine – Tradução comentada de <i>Le livre des brèves amours éternelles</i>
Autor	Glória Carvalho de Sousa
Orientador	João da Costa Domingues
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos de Tradução
Área científica	Tradução
Especialidade	Inglês e Francês

Agradecimentos

É com profundo sentido de gratidão e dívida que pretendo manifestar os meus sinceros agradecimentos ao Professor João Domingues, meu orientador, pelo acompanhamento do trabalho e pelo seu precioso apoio ao longo de todo o Mestrado. As suas críticas, correcções e sugestões foram essenciais para a realização deste trabalho e o seu entusiasmo e confiança foram decisivos em todas as fases do projecto.

Gostaria ainda de agradecer aos professores do Mestrado de Tradução, que sempre disponibilizaram o seu apoio e me incentivaram ao longo de todo o percurso académico na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Foi um grande prazer contactar com professores cuja brilhante competência profissional e científica foi uma fonte de inspiração nesta fase da minha formação.

À Professora Cristina Marinho da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pela atenção e pela forma como me introduziu no estudo da obra de Andreï Makine e ainda pelo seu intenso trabalho na minha formação literária e académica.

Um forte agradecimento aos meus colegas do Mestrado de Tradução, pelo seu apoio, disponibilidade, interesse e amizade.

Resumo

O presente trabalho consiste numa proposta de tradução de francês para português de um excerto da obra *Le livre des brèves amours éternelles*¹ de Andreï Makine. Tratando-se de um autor russo que escreve em francês, surgem diversas questões de grande pertinência no âmbito da tradução que suscitam uma análise rigorosa e exaustiva de ambos os textos: o texto de partida e o texto de chegada. Procura-se também ter em atenção a complexidade da escrita de Makine, desde as temáticas abordadas nas suas obras às próprias questões linguísticas que o texto coloca. De entre os vários desafios que o tradutor enfrenta, destaca-se a grande beleza literária e energia da obra de Andreï Makine. A sua missão humanística passa pela denúncia das atrocidades cometidas ao longo da História e pela valorização da vida humana enquanto valor inalienável e irredutível. Mas há, ainda, um enorme cuidado com a forma, o que implicará em consequência uma atenção redobrada, por parte do tradutor, a fim de respeitar a harmonia do texto e a fluência da leitura. Tendo adoptado uma perspectiva funcionalista, o texto de chegada é por nós assumido como “uma nova criação” que é responsável por transpor a especificidade da escrita do autor para a língua de chegada, procurando provocar nela e na cultura de chegada um efeito semelhante ao do original na cultura de partida.

A introdução, os comentários e a conclusão deste projecto constituem, respectivamente, a fundamentação teórica, a justificação e ponderação sobre o método de traduzir.

Abstract

This work aims to present a translation of an excerpt of the book *Le livre des brèves amours éternelles* by Andreï Makine. Due to the fact that this Russian author writes in French, there are several relevant issues related to translation which demand a rigorous and exhaustive analysis of both texts: source and target. The complexity of Makine’s writing will also be a particular concern, not only through its linguistic features but also through the issues covered. Of all the main challenges faced by the translator, it’s the literary beauty and energy of Makine’s work that raises the biggest issue. His humanistic mission is to report the atrocities committed throughout History and also to prize human life, defending it as an inalienable and inviolable value.

¹ Makine, A. (2011). *Le livre des brèves amours éternelles*, Paris: Éditions du Seuil.

However, great care has been taken towards the form of the text, which consequently may provoke a reinforced precaution of the translator, in order to respect the harmony and reading fluidity. By adopting a functionalist perspective, the target text is seen as a new creation. This text is responsible for transposing the peculiarity of the author's writing into the target language, seeking to provoke in that language and culture a similar effect to that of the original, on the source culture.

Résumé

Le présent travail comprend la traduction d'un extrait de l'œuvre *Le livre des brèves amours éternelles* d'Andreï Makine. Étant donné qu'il s'agit d'un écrivain russe qui écrit en français, il y a plusieurs questions assez pertinentes pour le domaine de la traduction qui susciteront un examen rigoureux et exhaustif des deux textes : le texte de départ et le texte d'arrivée. On cherche également à accorder une attention particulière à la complexité de l'écriture de Makine, concernant non seulement les thèmes abordés dans ses livres mais aussi les questions linguistiques contenues dans le texte. Parmi les grands défis rencontrés par le traducteur, c'est la beauté littéraire et l'énergie de l'œuvre d'Andreï Makine qui posent le plus de problèmes. Dans sa mission, il s'engage à dénoncer les atrocités commises tout au long de l'Histoire et à valoriser la vie humaine en tant que valeur inaliénable et irréductible. Cependant, il y a aussi un énorme soin consacré à la forme, ce qui pourra, par conséquent, impliquer une précaution renforcée de la part du traducteur, à fin de respecter l'harmonie du texte et la fluidité de la lecture. Tout en adoptant une perspective fonctionnaliste, le texte d'arrivée est vu comme une « nouvelle création ». Ce texte s'engage donc dans la transposition de la particularité de l'écriture de l'auteur dans la langue d'arrivée, tout en cherchant à provoquer, dans cette langue – culture, un effet semblable à celle qu'il avait à l'origine, dans la culture de départ.

Índice

Agradecimentos	1
Resumo	2
Abstract.....	2
Résumé	3
Introdução.....	5
• A marca do tradutor	10
• A escolha do texto a traduzir	11
• A tomada de decisão por parte do tradutor	12
• A especificidade da obra Makiniana.....	13
• Realidade; ficção; memória	15
• Escritor <i>engagé</i>	17
• Alguns princípios básicos do funcionalismo aplicados à tradução de <i>Le livre des brèves amours éternelles</i>	19
I. Tradução de um excerto de <i>Le livre des brèves amours éternelles</i>	21
II. Comentários	68
• Problemas de ordem pragmática	68
• Problemas do texto de partida.....	68
• Problemas do par de línguas	69
• Problemas do par de culturas	73
III. Considerações finais	76
Bibliografia.....	77

Introdução

O projecto de tradução que se apresenta teve como objectivo principal pensar, primeiro, e criar, depois, um (novo) texto que conseguisse a maior aproximação possível do seu original. Não tendo o leitor lusófono acesso à escrita de Makine, a tradução de um excerto do romance *Le livre des brèves amours éternelles* procura proporcionar um texto que consiga produzir um efeito semelhante, tentando simultaneamente conservar a beleza e a energia da escrita do autor. O que se pretende é que o leitor lusófono consiga ter acesso àquilo a que o leitor francófono teve ao ler o texto original.

Para isso, o pensamento que mais norteou, quer a reflexão, quer a prática tradutiva, foi o que chamamos de princípios funcionalistas. O modelo de Christiane Nord subjaz, pois, a este projecto de tradução já que é tido em conta, durante todo o processo tradutivo, um público leitor português com as suas características e especificidades. Havendo, por conseguinte, necessidade de centrar a atenção sobre o efeito que o texto terá no público-alvo, importa referir que o texto produzido no âmbito deste trabalho de projecto foi pensado como um ponto de partida para uma possível publicação real numa editora portuguesa.

Assim, se o projecto em si compreende simplesmente um ensaio de tradução, os respectivos comentários às nossas opções tradutivas e uma breve conclusão, importa, antes de mais, abordar algumas questões prévias: em primeiro lugar, serão expostas as razões que levaram à escolha do autor, assim como a própria escolha da obra. Serão depois aprofundadas algumas questões relacionadas com a tomada de decisão por parte do tradutor. Sendo este constantemente confrontado com múltiplas opções possíveis, serão analisados com alguma atenção os aspectos que podem influenciar uma determinada escolha. Será ainda apresentada a posição teórica adoptada para a tradução deste excerto, com base numa perspectiva funcionalista. O texto de chegada, isto é, a minha proposta de tradução do excerto da obra, irá constituir a primeira parte deste trabalho. De seguida, numa segunda parte, segue-se uma análise dos problemas e dificuldades que surgiram durante o processo tradutivo e os comentários às opções efectuadas. Por fim, na quarta e última parte, as considerações finais acerca do processo tradutivo irão concluir o trabalho, finalizando assim a reflexão acerca de todo o processo criativo que a tradução comporta e exige.

- **O autor.** Andreï Makine nasce a 10 de Setembro de 1957 em Krasnoïarsk, na Sibéria. Estudou *lettres françaises* na Universidade de Moscovo antes de partir para França em 1987 no quadro de um programa de intercâmbio cultural; instala-se definitivamente em Paris, como exilado político. Dá aulas de língua e cultura russas, embora tenha também passado por muitas dificuldades financeiras, na tentativa de publicar o seu primeiro romance, sistematicamente recusado pelas editoras. Devido à desconfiança por parte destas últimas, que não levaram a sério aquele “drôle de Russe qui se mettait à écrire en français”², Makine vê-se forçado a mentir, apresentando os seus dois primeiros romances como traduções francesas de um texto originalmente russo. Apresenta a sua tese de doutoramento na Sorbonne sobre a poética de Ivan Bounine em 1991.

Após um longo período em que os seus dois primeiros romances passaram despercebidos aos leitores franceses, *Le testament français* é publicado, trazendo consigo um grande sucesso literário e conseguindo a atribuição dos prémios Goncourt, Médicis e Goncourt des lycéens.

- **Autor russo, autor francês, autor francófono?** Tendo em conta que se está perante um autor russo que escreve em francês e cuja obra será traduzida para português, pode-se afirmar que se trata de um diálogo entre três culturas e por isso três universos distintos. Posto essa razão, é importante aprofundar a reflexão acerca do confronto entre as três línguas e culturas, atendendo à especificidade da obra de Andreï Makine. As línguas que utiliza na sua escrita (tanto o francês como o russo) servem não só como línguas de comunicação, mas como um meio de identificação reproduzindo a sua cultura e o seu imaginário.

Tendo nascido, estudado e vivido na União Soviética pelo menos até 1987, coloca-se a questão de saber se se trata de um escritor francês de origem russa, um escritor russo de expressão francesa, ou um escritor francófono. Não se sabe ao certo o que deve determinar a categoria na qual se insere um determinado autor, se é o local de nascimento, o local de publicação ou a língua com a qual se expressa. No caso de Makine, a designação de escritor francês de origem russa poderá ser a mais apropriada

² Makine, *Le Testament français*, 1995.

tendo em conta que o próprio escritor afirma: “«*Je garde toujours cette identité russe mais je revendique quand même le titre de l'écrivain français*»³».

*E ainda: « Je suis un écrivain français mais avec un passé russe ».*⁴

³ Makine, www.ina.fr, 1995.

⁴ Makine, A. (2009, Março). (S. K. Dehghan, Interviewer).

- **Makine e a tradução.** Tendo tomado como objecto principal deste projecto a tradução de uma parte de uma das suas obras, ganha uma importância especial saber o que o próprio autor pensa da tradução e dos tradutores e, mais especificamente, da tradução das suas obras.

Mes traducteurs, je les mentionne toujours, j'essaie de les mettre en valeur en disant que finalement mes livres appartiennent déjà à mes traducteurs. Pour moi, c'est en quelque sorte une Re-création. C'est clair, avec sa voix le traducteur crée à nouveau. J'insiste toujours sur cet aspect que l'on trouve déjà au niveau de la lecture. Une lecture pour moi c'est déjà une nouvelle création... Le lecteur imagine dans sa tête et c'est déjà une traduction-création⁵.

De acordo com o autor, a própria leitura de uma obra é por si só uma nova criação. A partir do momento em que o texto é lido, imaginado e pensado pelo leitor, passa a haver uma nova criação e por isso uma reapropriação. A imaginação que decorre da leitura é de certa forma um acto tradutivo, havendo uma interpretação pessoal do texto.

Quand on pense au travail monumental sur soi que représente le passage d'une langue à une autre⁶

Tendo sido Andreï Makine um dos elementos do júri na primeira edição do *Prix Russophonie*, atribuído à melhor tradução do russo para o francês, pode-se constatar que o autor tem um especial interesse pela Tradução. O facto de ter manifestado a sua posição perante os tradutores e a própria arte de traduzir revela a sua atenção para com as especificidades do acto tradutório. Para os tradutores das suas obras, isto poderá ainda significar uma legitimação das suas opções tradutivas e um princípio orientador extremamente útil para o posicionamento do tradutor perante a obra que irá trabalhar. Se, segundo o autor, as suas obras passam a pertencer aos seus tradutores, subentende-se que o tradutor tem uma certa liberdade de escolha na elaboração do seu trabalho, havendo como que uma espécie de apoio por parte do autor. Esta liberdade traz, no entanto, uma dupla responsabilidade. O tradutor passa a ser responsável pela tradução

⁵ Makine, La traduction est une création, 2007.

⁶ *Ibidem*.

na medida em que ela é um texto da sua autoria e, por outro lado, é também responsável por conseguir manter a beleza e singularidade do texto original.

Curiosamente, a própria escrita de Makine pode ser considerada, em certo sentido, como uma tradução dado que o autor “traduz” para francês uma experiência e um universo autenticamente russos. Ao não usar a sua língua materna para escrever, o autor escreve “traduzindo”, obrigando o seu tradutor a estabelecer um diálogo entre três universos. Em primeiro lugar, o russo: a língua e cultura maternas do autor - presentes em toda a sua obra - são transmitidas através da língua francesa e por isso destinadas a um público francês⁷. Há um paralelismo muito presente entre a Rússia e a França. Finalmente, no contexto de uma tradução, há ainda a cultura e língua de chegada das obras de Makine que constituem o terceiro elemento deste diálogo, completando assim esta tripla relação.

*(...) le français, le russe, le chinois, l'anglais etc. sont des dialectes de la langue poétique qui est unique. Adopter tel ou tel dialecte linguistique ne change pas grand-chose. Une telle assertion peut choquer. Les adoreurs de leur langue nationale s'écrieront : « Mais comment ! L'esprit d'une langue ! Sa singularité inimitable ! ». En un sens, ils auront raison. Mais pour une langue poétique, la langue dans son utilisation esthétique et non pas communicative, c'est-à-dire créatrice, ces différences comptent beaucoup moins.*⁸

Apesar da intenção do autor em utilizar a língua francesa, dirigindo-se a um público francês, a ideia subjacente à sua obra e à sua concepção da literatura não implica necessariamente uma ligação com uma língua em específico. É a língua poética que se destaca, podendo esta ser traduzida em diferentes códigos linguísticos. Mais uma vez, a ideia de uma legitimação do acto tradutivo está presente nas próprias afirmações do autor.

Importa ainda destacar a atenção concedida pelo autor ao acto tradutivo, assinalando a sua sensibilidade perante as implicações subjacentes à passagem de uma língua para outra. Em *Le Testament français*, Andreï Makine narra um breve episódio em que a avó da personagem principal do seu romance introduz o tema da tradução, fazendo ver ao seu neto as subtilidades da língua. Através da crítica de uma tradução de um verso de

⁷ « puisque je m'adresse à un public français » in *Écrivains venus d'ailleurs* par Murielle Lucie Clément.

⁸ Makine, A. (2010, Abril). La littérature, science du salut. (M. L. Clément, Intervieweur)

Baudelaire, a avó chama a atenção para a o risco que o texto corre de perder a sua alma, o risco de trair a ideia do seu autor.

A tradução é, então, algo que está presente no imaginário do autor, nas suas reflexões acerca da língua e acerca da própria identidade. O tradutor da obra de Makine sentir-se-á certamente encorajado ao tomar conhecimento da posição do autor perante a Tradução e sentirá ainda que tem em mãos uma tarefa monumental para reestabelecer a beleza presente no original ao texto de chegada.

*Le traducteur de la prose est l'esclave de l'auteur, et le traducteur de la poésie est son rival.*⁹

- **A marca do tradutor.** A pertinência dos conceitos de *fidelidade* e *invisibilidade* do tradutor para este trabalho prende-se com o facto de estarmos perante uma proposta de tradução que tenta respeitar, tanto quanto possível, a escrita do autor e as suas especificidades. No entanto, há também a consciência de que é impossível haver uma total invisibilidade por parte do tradutor, tendo em conta que a própria leitura e interpretação de um texto implicam necessariamente uma marca pessoal, uma perspectiva, um ponto de vista único. O tradutor, enquanto leitor, perde a sua invisibilidade a partir do momento em que lê o texto de partida. Embora possa haver uma tentativa de eliminar todas as marcas contidas no texto de chegada que indiquem que se está perante uma tradução, a marca do tradutor é inevitável.

A tradução é considerada por muitos como uma arte criativa, na qual o tradutor tem como função transmitir uma mensagem. A mensagem de um determinado texto nem sempre é evidente e pode ainda ter múltiplas interpretações, variando de leitor para leitor. Sendo que o tradutor é, por sua vez, o primeiro leitor do público de chegada, é de certa forma inevitável que a tradução acabe por reflectir mais ou menos explicitamente a sua própria interpretação do texto original. Isto é, todas as traduções guardam certamente uma *marca de água* do seu tradutor.

⁹ Makine, A. (1995). *Le Testament français*. Paris: Mercure de France.

Tal como refere Rosemary Arrojo, o conceito de *fidelidade* relaciona-se por conseguinte com a inevitável interferência, interpretação ou mesmo manipulação por parte do tradutor:

é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido. [...] O autor passa a ser, portanto, mais um elemento que utilizamos para construir uma interpretação coerente do texto. [...] O foco interpretativo é transferido do texto, como receptáculo da intenção “original” do autor, para o intérprete, o leitor, ou o tradutor. [...] Significa que, mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar nossa visão desse autor e suas intenções. [...]. Em outras palavras, nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que considerarmos ser o texto original, àquilo que considerarmos constituir-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será [...] sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos.¹⁰

• **A escolha do texto a traduzir.** Segundo Thomas J. C. Hüsgen em *Um contributo para uma nova abordagem da crítica da tradução literária* (1995), é de certa forma “essencial na tradução literária que o tradutor sinta uma certa congenialidade ou empatia com o texto a traduzir.”¹¹

A “postura perante um texto a traduzir pode divergir de caso para caso, conforme as relações de empatia que estabelece com o mesmo”¹² e, assim sendo, abre-se o espaço para uma reflexão acerca da escolha de um tradutor para trabalhar uma determinada obra.

À luz do que foi referido, coloca-se a questão de saber quais as implicações subjacentes às encomendas de tradução por parte de uma editora a um tradutor, isto é, o que implica uma escolha “forçada” do texto a traduzir em comparação com uma escolha “livre” feita pelo próprio tradutor.

Como é sabido, num contexto editorial, a encomenda de uma tradução é normalmente feita pelo editor ao tradutor. Esta escolha é por vezes influenciada por

¹⁰ Arrojo, R. (2000). *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática.

¹¹ Hüsgen, T. J. (1995). Um contributo para uma nova abordagem da crítica da tradução literária. *Actas do Segundo Congresso de Literatura Comparada* (pp. 251-254). Porto: Associação portuguesa de literatura comparada.

¹² *Idem, op. cit.*

aspectos relativos ao par de línguas e à formação e experiência do tradutor. Surge então a questão da relação entre o tradutor e o texto a traduzir: Quais os aspectos que se deve ter em conta ao atribuir uma tarefa de tradução de um determinado texto a um determinado tradutor? Até que ponto é importante o tradutor sentir uma certa empatia com o texto? Deverá o tradutor traduzir apenas os textos de que gosta para conseguir um bom resultado?

Por um lado, se o tradutor, enquanto leitor, tiver uma reacção positiva relativamente ao texto que irá traduzir, significa que de certa forma a mensagem do texto foi transmitida. Poderá ainda significar uma maior curiosidade e abertura por parte do tradutor perante as múltiplas interpretações que o texto pode oferecer. Esta empatia entre o texto e o tradutor fará certamente com que haja uma maior reflexão acerca do conteúdo e possivelmente um grande respeito pela forma, isto é, pela especificidade da escrita do autor.

Por outro lado, poder-se-á ainda considerar que o afastamento do tradutor relativamente ao texto a traduzir implica uma maior imparcialidade e por isso uma tendência para respeitar o seu conteúdo e forma, evitando assim uma interpretação pessoal do texto.

Ora, para este projecto, foi a empatia com o autor que assumidamente levou à escolha do texto. O estudo, em contexto académico, de duas obras de Andreï Makine - *Cette France qu'on oublie d'aimer*¹³ e o mais conceituado dos seus romances, *Le Testament français*¹⁴, fez despertar um profundo interesse pela sua obra. Seguindo-se assim a leitura de outros dos seus romances: *Requiem pour l'Est*¹⁵; *L'Amour humain*¹⁶; *Au temps du fleuve Amour*¹⁷, *La Musique d'une vie*¹⁸, *Le livre des brèves amours éternelles*¹⁹ e *La femme qui attendait*²⁰.

- **A tomada de decisão por parte do tradutor.** É ainda Thomas J. C. Hüsgen quem apresenta o tradutor como um “agente numa situação de tomada de

¹³ Makine, A. (2006). *Cette France qu'on oublie d'aimer*. Paris: Flammarion.

¹⁴ Makine, A. (1995). *Le Testament français*. Paris: Mercure de France.

¹⁵ Makine, A. (2000). *Requiem pour l'Est*. Paris: Mercure de France.

¹⁶ Makine, A. (2007). *L'amour humain*. Paris: Points.

¹⁷ Makine, A. (1996). *Au temps du fleuve amour*. Paris: Gallimard.

¹⁸ Makine, A. (2004). *La musique d'une vie*. Paris: Points.

¹⁹ Makine, A. (2011). *Le livre des brèves amours éternelles*. Paris: Éditions du Seuil.

²⁰ Makine, A. (2005). *La femme qui attendait*. Paris: Points.

decisão” que deve “resolver um problema”, fazendo “opções perante uma situação de escolha”. Portanto, ao centrar a atenção no tradutor, a criatividade e a intuição passam a ser os “axiomas do processo translatório”. Estando assim o resultado final de um processo tradutivo fortemente ligado à intuição do tradutor. Dado que a “racionalidade humana (...) está longe de ser exclusivamente baseada na razão pura” e que “os sentimentos restringem o campo das alternativas lógicas possíveis”²¹, muitas das opções que se fazem ao traduzir tornam-se justificáveis apenas através da intuição pessoal.

“A intuição e a cognição entram em colaboração”, havendo uma espécie de equilíbrio entre razão e sentimentos. Dir-se-ia, parafraseando Hüsgen, que a intuição capta as interligações textuais e a cognição, por sua vez, trabalha com dados concretos. A “avaliação intuitiva (...) é imediatamente justificada e sustentada por argumentos cognitivos.”²²

As escolhas de um tradutor são normalmente influenciadas por vários aspectos: desde a sua experiência de trabalho, a sua formação pessoal, as leituras que fez ao longo de toda a sua vida e até a sua disposição. O tradutor tende a modificar várias vezes uma mesma frase ou palavra devido ao facto de que a solução que ontem lhe parecia ser a mais adequada, hoje já não faz qualquer sentido. Paulo Henriques Britto refere ainda que

*cada escolha implica uma série de decisões em que o tradutor é obrigado a recorrer a sua sensibilidade, a sua intuição; trata-se de um terreno traiçoeiro em que é difícil justificar as opções feitas, em que a decisão tomada pelo tradutor hoje pode muito bem ser rejeitada por ele próprio amanhã.*²³

• **A especificidade da obra makiniana.** De acordo com Stéphanie Bellemare-Page, em « Par delà l'histoire. Regards sur l'identité et la mémoire dans l'œuvre d'Andreï Makine »,

A riqueza da obra de Makine não se deve apenas ao seu biculturalismo mas também à relação com o identitário que apresenta.

O projecto poético do escritor visa combater a instrumentalização do homem através de ideologias, destacando a singularidade de cada vida humana. A memória

²¹ *Op. cit. idem.*

²² *Op. cit. idem.*

²³ Britto, P. H. (2010). O tradutor como mediador cultural. *Synergies-Brésil*, 135-141.

*mitificada constitui uma narração alternativa a um discurso hegemónico omnipotente e vem curar as feridas do passado e do presente. Em oposição a uma representação da História cuja marcha parece inexorável, a personagem makiniana irá sobreviver graças à reterritorialização num espaço poético e atemporal, e até sagrado. Finalmente, vemos que a História é instrumentalizada pelo romance, sendo simultaneamente rejeitada e omnipresente, tornando-se uma verdadeira metáfora da condição humana.*²⁴

É muito frequente nas obras de Makine o leitor deparar-se com múltiplas contradições e paradoxos. Um entre muitos outros exemplos é o conceito de felicidade que surge sempre em oposição a uma vida de sofrimento, pobreza e violência. Esta felicidade representa também a liberdade do indivíduo num espaço de opressão. Apesar de todo o sofrimento, mantém sempre uma perspectiva extremamente positiva, apercebendo-se da beleza da natureza, da força do amor e da harmonia da humanidade.

(...) A literatura de exílio está particularmente consciente das capacidades ambivalentes da tradução – para autorizar a publicação; para desafiar a autoria tanto da tradição literária “original” como da “secundária”; para garantir e, ao mesmo tempo, debilitar a “autenticidade”; para duplicar, adiar ou deslocar a autoria. Moldada entre culturas (em certos casos, concentrada dentro das fronteiras linguísticas ou nacionais), a literatura de exílio localiza-se também entre as línguas, (...)

Considerada literatura de exílio, a obra de Makine chama a atenção para muitas das questões subjacentes à tradução e ao bilinguismo. É muito frequente que as personagens dos seus romances contactem com uma segunda língua, dando lugar a um efeito de estranheza que, em alguns casos, provoca uma consciencialização da dupla visão que o conhecimento de duas línguas pode engendrar.

A presença de expressões tipicamente russas nas suas obras é a prova de que há fragmentos da língua russa que o autor considera intraduzíveis e por isso deve constar no texto a sua “transliteração”. Esta estratégia do autor acentua a conotação

²⁴ Tradução livre e adaptação. Bellemare-Page, S. (2010). *Par delà l'histoire. Regards sur l'identité et la mémoire dans l'oeuvre d'Andreï Makine*. Québec: Université de Laval.

dessas mesmas palavras e dá um certo exotismo ao texto, centrando a atenção do leitor para a especificidade da sua escrita e do universo russo que é apresentado na maioria das suas obras.

A linguagem de Makine é intencionalmente aberrante (ou inovadora) no que se refere ao francês literário arcaico, não só infundindo-o com a realidade Russa e com fragmentos “intraduzíveis” da língua Russa (palavras como “tsar” e “samovar” cujas múltiplas conotações em “Le Testament français” são assinaladas pela retenção do termo estrangeiro pelo narrador), mas também transformando-o através de erros ou anomalias subscritos pela gramática e sintaxe russas (cf. Rubins 2004: p. 210, Ferran 2001: p.83-97).

Confessando esta diferença divagadora, desviante, dissimulada e radical inerente à tradução, as obras de Makine professam, todavia, o seu potencial criativo.”²⁵

- **Realidade; ficção; memória.** O autor sempre manifestou reserva em revelar certos elementos biográficos; por isso não se sabe exactamente a que ponto a sua obra, nomeadamente, *Le Testament français*, é autobiográfica ou auto ficcional. O autor faz questão de proteger os seus romances rejeitando qualquer aproximação feita entre os eventos ou personagens narrados nos seus livros e a sua própria vida. Os seus leitores e críticos, ávidos de encontrar elementos verídicos na sua obra, tentam a todo o custo identificar elementos autobiográficos embora sem muito sucesso dado que o autor afirma que “chaque page parle de moi, y compris dans les personnages: une prostituée engagée par le KGB, c'est moi [rires]”²⁶;

Globalmente, são reconhecidos vários elementos comuns à maioria dos seus livros: desde os pequenos detalhes que se repetem e/ou se assemelham, até às personagens-tipo, fortemente simbólicas e representativas do universo do autor, que são essenciais para a compreensão global da sua obra.

A criança órfã, que representa todas as crianças que foram vítimas das purgas do regime comunista e das guerras mundiais, denuncia a pobreza dos orfanatos e o seu ambiente rude e sem amor. Presente em romances como *Le livre des brèves amours éternelles*, *L'amour humain*, *Au temps du fleuve Amour*, *Le*

²⁵ (tradução livre) Allen, S. L. (2006). Makine's testament: Transposition, Translation, Translingualism, and the transformation fo the novel. *RiLUnE*, pp. 167-186.

²⁶ Makine, A. (2002, Abril). Andreï Makine. (J.-L. Tallon, Interviewer).

testament français, *Requiem pour l'Est*, a criança órfã acaba por ser alguém que não tem raízes e que por isso parte da sua terra natal.

O imenso espaço Siberiano é um factor presente na maioria das suas obras: os pequenos povoados isolados do resto do mundo, em locais difíceis de encontrar num mapa, são povoações que lutam diariamente pela sobrevivência, dada a pouca variedade de actividades profissionais – para além das explorações de madeira, e dos “chercheurs d’or”.

A solidão e isolamento destes lugares perdidos no espaço siberiano é ainda explorada na perspectiva dos condenados do regime e respectivas famílias. Sendo muitos os campos de trabalho forçado e prisões destinados aos opositores do regime, Makine explora a resignação das famílias que tinham um membro preso, (na maioria dos casos, o pai de família) e que por isso ficavam também elas presas em lugares remotos de forma a estarem próximas das prisões e campos de concentração.

Presume-se que o autor terá mesmo contactado com antigos prisioneiros do Gulag exilados pelo regime de Estaline e que isso o terá marcado muito profundamente, levando-o a escrever sobre as terríveis vivências de soldados, famílias e todos aqueles que sofreram sob o regime de Estaline. «Il voyage beaucoup à travers l’URSS: Sibérie, Asie Centrale, le Grand Nord russe. »²⁷

Quanto à origem do seu conhecimento da língua, cultura e história francesas, sabe-se que houve, na infância de Andreï Makine, a presença de uma figura mais velha feminina que foi responsável por introduzi-lo nesse universo francês. Esta personagem é de certa forma uma figura materna, porque lhe transmite a sua língua “grandmaternelle”. Embora não se saiba ao certo se se trata de uma avó ou simplesmente de alguém próximo do autor, sabe-se contudo que esta desempenhou o papel de preceptora durante a sua infância e juventude inculcando-lhe assim a paixão pela língua francesa.

Apesar de ser em *Le Testament Français* que essa figura feminina ganha forma - sendo que todo o romance gira à sua volta – ela está presente em outras obras do autor. Em *Le livre des brèves amours éternelles*, há uma personagem que não podemos deixar de relacionar com esta “avó misteriosa”: Alexandra Guerdt - *La femme qui a vu Lenine-*

²⁷ Nazarova, N. (2005). *Andreï Makine, Deux facettes de son oeuvre*. Paris: L'Harmattan.

apresenta várias semelhanças com esta “avó francesa”. O quarto repleto de livros e fotografias, a escrivaninha com a resma de papel e o livro aberto de páginas sublinhadas, o facto de ter vivido em cidades europeias, o próprio bilinguismo e a calma resignada com que enfrentava o seu triste destino. Tudo isto poderá levar o leitor a crer que esta personagem, ao estar presente em diferentes obras do autor, corresponde a uma figura feminina que existiu efectivamente na sua vida e que teve uma importância considerável na sua educação e formação pessoal. Estas são informações relevantes que poderão determinar a forma como o tradutor irá empreender a tradução.

- **Um escritor *engagé*.** Para Makine, destaca-se a concepção de escritor enquanto detentor de uma grande responsabilidade, com uma missão moral, cabendo-lhe o papel de despertar as consciências.²⁸ A sua literatura “engagé” dirige-se a toda a humanidade.

*Il faut faire tout ce qu'on peut pour arracher les gens à cette société prédatrice et à leur état de zombie, déclare-t-il. Peut-être arrivera-t-on à sauver quelques âmes. Rares sont les écrivains qui rêvent encore de changer la vie.*²⁹

As suas obras, minuciosamente redigidas, são uma declaração de amor à língua francesa³⁰. A seriedade com que Makine empreende a escrita é também um factor a ter em conta quando se trata de traduzir a sua obra. Todo este esmero deverá também ser aplicado durante o processo tradutivo.

*Ce qui me gêne, c'est la capacité des humains de créer, de continuer à créer ce fleuve de romans. Cela, oui, cela me laisse perplexe. Je me dis : « A quoi bon ? » Il y a comme une sorte de totale inanité, de totale futilité dans cela.*³¹

*Toutes ces magistrales découvertes ne remplaceront jamais la révélation profonde de notre être, ce que tout lecteur est en droit d'espérer d'un livre...*³²

Nas suas obras, as personagens manifestam uma emancipação interior, uma forma de resistência. Conseguem, desta forma, sobreviver a todo o sofrimento, libertando-se do peso das guerras e da própria História.

²⁸ Cf. Bellemare-Page, S. (2010). *Par delà l'histoire. Regards sur l'identité et la mémoire dans l'oeuvre d'Andreï Makine*. Québec: Université de Laval.

²⁹ Makine, A. (2011). *Osmonde sort de l'ombre*. (A. D. Larminat, Interviewer)

³⁰ « Mes livres sont des actes d'amour adressés à la langue française » in Makine, A. (2009, Janeiro). *Ma langue grand-maternelle*. (T. Clermont, Interviewer)

³¹ Makine, A. (2010, Abril). *La littérature, science du salut*. (M. L. Clément, Interviewer)

³² *Idem, Op. cit.*

Nessas personagens, o sonho e o refúgio em tudo o que tem um valor intemporal (arte, natureza, amor), surge como uma forma de resistência ao regime. Trata-se de encontrar uma nova felicidade apesar de todo o sofrimento que as envolve.

Vista na sua globalidade, destaca-se em toda a sua obra a presença constante de uma sabedoria que tenta conduzir para uma felicidade e uma plenitude que poucos conseguem alcançar. Surge sempre uma personagem que parece absolutamente superior ao sofrimento envolvente, à cobiça, à ambição e à violência. Alguém que resiste e que vê a natureza e o amor como os únicos ingredientes necessários para se dar sentido à vida e atingir a plenitude.

Être « musical », et en français, dans cette cacophonie globale, est devenu mon combat. Le seul salut possible passe sans doute par la prose poétique. Alors, la communion entre les hommes pourra prendre le pas sur la communication.³³

³³ Makine, A. (2009, Janeiro). Ma langue grand-maternelle. (T. Clermont, Interviewer).

- **Alguns princípios básicos do funcionalismo aplicados à tradução de *Le livre des brèves amours éternelles*.** A estratégia e método adoptados pelo tradutor irão depender da função do texto de chegada, o que significa que não há uma estratégia e/ou método em específico para um determinado texto. A função comunicativa do texto de chegada será então o critério utilizado pelo tradutor, no caso de uma abordagem funcionalista.

Uma abordagem funcionalista permite ao tradutor justificar as suas decisões, para que se possa compreender de que forma e por que razão foram tomadas essas decisões.³⁴

Para a tradução deste excerto foi tido em conta o facto de o autor não ser conhecido pelo leitor português em geral. As traduções publicadas em língua portuguesa são unicamente em português do Brasil, o que constitui certamente um obstáculo para a divulgação da sua obra em Portugal. Assim sendo, pretende-se que o leitor português possa ter acesso aos seus romances, podendo, tal como o leitor francês, disfrutar da escrita de Andreï Makine.

É extremamente importante que o tradutor saiba qual a função que o texto de chegada deverá desempenhar. Não tendo acesso directo a essa informação, terá de se basear na sua própria experiência e deduzir consoante as pistas de que dispõe.

Uma tradução que vai ao encontro da sua função pode ser chamada funcional, isto é, ela deve “funcionar” para os seus receptores numa determinada situação comunicacional, tal como pretende o seu emissor.

Para Makine, o romance, enquanto texto literário, tem uma finalidade muito própria, que se prende incontornavelmente com a própria intenção do seu autor. Sendo que o texto apresenta uma visão pessoal do mundo³⁵, uma perspectiva única, torna-se então importante que o tradutor tenha um vasto conhecimento dos aspectos biográficos do autor, da sua obra, e até de outros elementos que possam aprofundar o conhecimento da sua escrita. Após a análise de um vasto conjunto de entrevistas ao autor Andreï Makine, verificou-se que uma das finalidades dos seus romances é enaltecer a beleza da

³⁴ Cf. Nord, C. (2008). *La traduction: une activité ciblée*. Arras: Artois Presses Université, p. 111.

³⁵ Idem, pp. 99, 100.

língua francesa, dedicar o seu amor à língua³⁶. É essencial que o tradutor tenha, pois, conhecimento deste tipo de informação para que possa saber qual o objectivo do texto de partida, isto é, qual o resultado final pretendido pelo autor;

A função do texto de chegada passa por fazer com que o leitor sinta a energia e intensidade da escrita de Makine, podendo disfrutar de uma leitura agradável e harmoniosa. Pretende-se ainda que se mantenha o destaque que é dado aos temas abordados e que o impacto no leitor português seja tão intenso quanto o impacto conseguido no leitor francês.

*L'effet d'un texte traduit sur le lecteur cible doit être le même que celui du texte source sur le lecteur source*³⁷

A tradução deste excerto deverá ainda basear-se num equilíbrio entre a presença de informação contida no original - que é nova para o público de chegada - e a eliminação de obstáculos à compreensão e à fluência da leitura.

O tradutor deverá avaliar as capacidades de compreensão e cooperação dos seus receptores, antecipando possíveis efeitos que certas formas de expressão possam ter nos leitores. Por esta razão, houve a preocupação em inserir algumas notas de rodapé no texto traduzido para que certos termos ou expressões pudessem ser compreendidos na sua totalidade pelo leitor.

³⁶ « Mes livres sont des actes d'amour adressés à la langue française. » in, Makine, A. (2009, Janeiro). *Ma langue grand-maternelle*. (T. Clermont, Interviewer).

³⁷ Nord, C. (2008). *La traduction: une activité ciblée*. Arras: Artois Presses Université, p.110.

Tradução de um excerto de
Le livre des brèves amours éternelles

Andrei Makine

O livro dos breves amores eternos

Romance

Em memória de Dick Seaver

I

A ínfima minoria

Desde a minha juventude, a recordação desta coincidência reaparece, por vezes insistente e evasiva, tal como uma charada de que não desistimos de encontrar a palavra.

Eis os factos. Um dia de Primavera, acompanho um amigo a casa, um homem em sofrimento que, de súbito, me propõe passarmos pelo centro da cidade, alongando o nosso trajecto numa volta inexplicável. Tanto mais que ele não deve gostar desta cidade, no Norte russo, onde cada rua lhe lembra a sua vida atormentada. Perto do gradeamento de um parque, pára, assolado por um ataque de tosse, dobra-se, com uma mão colada à boca, a outra a apertar a grade de ferro. Nesse mesmo instante, desce de um carro uma mulher, a alguns metros do local da nossa paragem. Um rapazinho que ela segura pela mão lança-nos um olhar de curiosidade assustada. Aos seus olhos, nós parecemos dois bêbados tontos e enjoados. O incómodo que sinto não apaga um sentimento mais vago, mais difícil de fixar num pensamento. Obscuramente, adivincho que o nosso desvio não foi fortuito, tal como a aparição desta bela desconhecida... Ela passa, deixando-nos uma rápida onda de perfume, amargo e gelado, e já a porta de um dos edifícios em torno do parque se abre; o porteiro deixa entrar a mulher e a criança. O meu amigo endireita-se, nós retomamos o caminho. A coincidência - a sua fugaz estranheza - inscreve-se acidentalmente em mim, para voltar, ao longo de toda a minha vida, e permanecer tanto tempo sem resposta.

Agora, nem meia dúzia de pessoas no mundo se devem lembrar de Dmitri Ress. A minha memória preservou apenas dois

fragmentos muito desiguais. Dois estilhaços de mosaico que, se não conhecêssemos Ress, dir-se-iam desunidos.

Em primeiro lugar, estas palavras articuladas com uma dolorosa falta de jeito por um dos seus familiares: "Ele amava-a... como ninguém pode ser amado... em nenhum outro lugar senão sobre esta Terra."

O outro fragmento - a sua actividade de opositor - era habitualmente narrada com essa mesma hesitação confusa. Não era a falta de interesse que os vivos acabam por testemunhar perante um herói esquecido. Não. Era mais a incapacidade de conhecer a razão profunda do combate que Ress levou até à morte. Uma luta à Dom Quixote para alguns, um suicídio que durou vinte anos para outros.

No momento do nosso encontro, com quarenta e quatro anos, calvo, desdentado, minado por um cancro, ele tinha o aspecto de um octogenário em sofrimento. Somando as suas três condenações sucessivas, obtinha-se um total de quinze anos e alguns meses passados atrás do arame farpado. A severidade das penas devia-se à originalidade do seu credo: filósofo de formação, criticava não as taras específicas do regime na Rússia de então, mas o servilismo com o qual todo o homem em qualquer momento rejeita a inteligência para se juntar ao rebanho.

"Mas por que razão se revolta contra o nosso país?" perguntavam-lhe durante os interrogatórios. "Porque é a minha pátria, respondia, e ver os meus compatriotas a dormir em torno de um covil é-me particularmente intolerável.

Os justiceiros viam nisso a pior das subversões. Preferiam ter de lidar com os contestatários "clássicos" que se deixavam expulsar para o Ocidente, cuja indiferença saciada acalmava rapidamente os escritores mais incisivos.

É aos vinte e dois anos que Dmitri Ress comete o seu primeiro delito. Na véspera do desfile tradicional dedicado ao aniversário da Revolução de Outubro, colara no muro de um edifício administrativo um cartaz executado com um verdadeiro talento de desenhador: as bancadas onde subiam os dignitários do Partido, a maré de bandeiras vermelhas, as bandeirolas carregadas de slogans à glória do comunismo, as duas filas de militares que canalizavam a progressão dos manifestantes. Nada de mais realista. A não ser o facto de que os notáveis levantados na tribuna, essas silhuetas quadradas penteadas com chapéus moles, estavam representados como porcos. Pequenos olhos desdenhosos, focinhos inchados de gordura. As "massas populares", ao aproximarem-se das bancadas, sofriam também

elas o início da metamorfose. O cartaz era intitulado *Viva a Grande Porcaria!*¹

A falha era grave, mas a juventude do autor poderia ter inspirado clemência. Tanto mais que a sua ideia animalesca não era nova, toda a literatura dissidente usava este procedimento, o próprio Soljenitsin associava um dos membros da nomenklatura a um javali brutal e lúbrico. Poder-se-ia ter litigado doidice, a influência de más leituras... Infelizmente, o jovem mostrou-se orgulhoso, afirmando ter pintado o que via, decidido a denunciar aquele bestiário. Uma atitude indefensável.

Os juízes, no entanto, deram prova de clemência: três anos numa colónia de regime ordinário.

O campo, em vez de o fazer flectir, tornou-o inflexível. Libertado, voltou a reincidir. Desenhos, panfletos caíam já no golpe de uma qualificação mais pesada: a propaganda anti-soviética. Numa palavra, enterrou-se. O que um juiz, excedido por tanta rigidez, designou com uma locução russa que significa mais ou menos "enfiar-se no gargalo de uma garrafa".

Se ao menos ele tivesse seguido a lógica dos opositores que fulminavam contra o Kremlin e divinizavam o Ocidente. Mas não, ele não desistia: a sua produção pictural e literária visava toda a humanidade e a sua pátria era apenas um exemplo entre outros. Uma pena de cinco anos parecera não o demover. Uma outra pena, a última, num campo "de regime reforçado", desfizera-o fisicamente mas conferira às suas convicções a firmeza de um sílex. Parecia-se, aliás, com um longo estilhaço desta pedra e o seu olhar lançava por vezes reflexos ardentes, faíscas de um pensamento indomável num corpo desfeito.

O que aprendi sobre esta vida de mágoa limitava-se à contagem das três condenações e a alguns detalhes, raros, do seu quotidiano de prisioneiro... E também àquele apelido de "Poeta" que os outros detidos lhe tinham atribuído e cujo sentido eu desconhecia se era depreciativo ou aprovador. Nada mais; Ress orgulhava-se de não evocar os seus sofrimentos.

A nossa única longa conversa teve lugar numa cidade do Norte russo, a novecentos quilómetros de Moscovo, a região da sua prisão domiciliária, durante os seis meses que lhe restavam para viver.

Era o dia do Primeiro de Maio. Ia acompanhá-lo a casa e tivemos de esperar um momento à entrada de uma ponte bloqueada devido ao desfile que decorria na Praça principal. Encostados ao gradeamento, víamos a procissão que avançava ao

longo de um edifício massivo, sede local do Partido. Nos degraus da bancada havia filas de casacos pretos e de chapéus de feltro.

O dia estava ensolarado mas glacial e ventoso. As rajadas traziam fragmentos de marchas militares, pedacinhos de slogans lançados pelos altifalantes, o rugir surdo das colunas de participantes que retomavam, com toda a força, aquelas palavras de ordem oficiais.

"Imagine só! Esta mesma encenação do Extremo-Oriente até à fronteira polaca, murmurara Ress com o tom sonhador que se adopta para evocar um local fabuloso. E do Oceano Ártico até aos desertos da Ásia central. As mesmas bancadas, os mesmos porcos de chapéu mole, a mesma multidão embrutecida por esta comédia. O mesmo desfile em milhares e milhares de quilómetros..."

A ideia deixou-me atónito, nunca tinha pensado nesta onda humana que se revezava, de um fuso horário a outro (onze ao todo!), através do imenso território do país. Sim, em todas as cidades, sob todas as latitudes, a mesma missa colectivista.

Adivinhando a minha perplexidade, apressou-se a acrescentar:

"E acredite, nos campos é igual!" Tribunas ocupadas pelos guardas superiores, uma orquestra composta de ex-condenados melómanos, bandeiras vermelhas: glória, viva, avante! Por todo o lado, estou-lhe a dizer. Um dia, transportarão estas bancadas até à Lua..."

Soprou uma rajada de vento, um eco às suas palavras: "Viva a vanguarda heróica da classe operária!..." Ress sorriu franzindo fortemente os lábios numa boca sem dentes.

"Ah, essas tribunas... No Ocidente escreveram-se toneladas de glosas para explicar a sociedade em que vivemos, a sua hierarquia, a submissão mental que a população sofre... E não compreenderam nada! Ao passo que aqui, basta abrir os olhos. O apparatchik principal, vemo-lo daqui, no centro da tribuna, um chapéu preto e aquela cara lisa como um crepe. À volta dele, com o respeito minucioso das preexcelências, os esbirros; quanto mais longe dele, menor a sua importância. Lógico. O modelo supremo continua a ser a tribuna oficial da Praça Vermelha. Alguns militares, para que o povo saiba em que poder assenta a autoridade do Partido. E o mais interessante: estas cercas que dividem a tribuna em sectores. No da direita, estão os chefes das empresas, a administração do porto fluvial, alguns sindicalistas altamente posicionados e, para não esquecer os proletários, três ou quatro trabalhadores de choque. Em suma, a nata das forças produtivas. Quanto às forças pouco produtivas mas úteis ao regime, são posicionadas à esquerda: reitor da universidade, directores dos jornais locais, génios do mundo da medicina, um par de literatos; numa palavra, a intelligentsia. E logo junto ao

aparelho dirigente, a divisão familiar onde são fechadas as esposas e os filhos...”

Foi assolado por um ataque de tosse, curvou-se, e na sua têmpora inchara uma grossa veia azul, muito saliente sob a pele transparente do crânio. Eu quis desviar a conversa:

“Bem, já se sabe, o povo está-se nas tintas para estas tribunas...”

Ele ergueu-se e o seu olhar queimou-me.

“Não! O povo não se está nas tintas! Ele precisa delas! Esta pirâmide de cabeças de porcos é-lhe necessária como a expressão coerente da arquitectura do mundo. A disposição das divisões tranquiliza-o. É a sua religião laica. E esse cretino que berra os slogans no altifalante é o exacto equivalente de um papa a dar o sermão...”

Consegue conter um novo ataque de tosse, o seu pescoço estremece, o seu rosto fica roxo. A sua voz vibrou, sincopada, vigilante aos espasmos que faziam nós na garganta:

“Não generalizemos... Estes manifestantes... não são todos iguais. Poderíamos definir... três classes. A primeira, a esmagadora maioria, é uma massa conciliante que adora esse conforto de rebanho. A segunda categoria é feita de trocistas, provenientes sobretudo da intelligentsia: repetem em coro os slogans, mas o seu grito é um jogo, uma troça. Agitam as bandeiras com um frenesim trocista e erguem os retratos dos dirigentes nos seus mastros como se se tratasse de uma cabeça espetada numa haste. Por fim, a terceira categoria é a dos revoltados, suficientemente ingénuos para esperarem romper este desfile grotesco. Escrevem panfletos, desenham cartazes e...e...”

Pôs-se novamente a tossir, uma mão na boca, a outra a segurar a balaustrada da ponte. A curvatura do seu corpo magro, sob um velho impermeável, fazia lembrar um ramo partido... A passagem acabava de ser reaberta, o desfile chegava ao fim, via-se a multidão dispersar-se nas ruas vizinhas.

Retomámos o nosso caminho, mas em vez de irmos em direcção à sua casa, Ress levou-me a um bairro residencial da época estalinista: à volta de um parque, um quarteirão de edifícios onde viviam os notáveis que acabávamos de ver nas tribunas. Ele parara perto do gradeamento de ferro fundido para recuperar o fôlego, observou os manifestantes que, felizes por terem terminado o frete da participação obrigatória, iam para casa. Um jovem com o retrato de um membro do Politburo no ombro. Aquelas três adolescentes, cada uma apertando uma bandeira enrolada debaixo do braço. Um grupo de estudantes...

De súbito, a descer de um carro preto dos oficiais, uma linda mulher com cerca de quarenta anos, vestida com um casaco claro, a segurar a mão de um rapazinho. A criança olhou para nós

com estupefacção, a presença destes dois homens, tão diferentes, deve-lhe ter parecido estranha. A mãe levou-o pela mão, passaram a alguns metros de nós antes de entrar num dos edifícios “estalinistas”. Senti uma nota de perfume, uma amargura ténue, em harmonia com aquele dia luminoso e fresco. Ress desviou-se e tossiu novamente mas sem se engasgar. Por um segundo, acreditei até que ele queria evitar à criança o espectáculo do seu mal...

Fomos embora, sem que eu compreendesse por que razão ele quisera passar perto do parque. Talvez, muito simplesmente, para ir dar à Praça principal doravante quase vazia... Sacudiu ligeiramente a cabeça em direcção às tribunas. A sua voz parecia alegre:

“Um cenário de ficção-científica. Amanhã, este regime carunchoso desmorona-se, daremos por nós no paraíso capitalista e nestas bancadas subirão milionários, estrelas de cinema, políticos bronzeados... E na divisão dos intelectuais, Jean-Paul Sartre, por exemplo. Não, ele morreu há pouco tempo, enfim, encontrarão alguém. E sabe o que é mais engraçado? É que a multidão vai desfilar como se nada fosse. Porque não lhe interessa quem enche as tribunas, o essencial é que elas sejam preenchidas. É isso que dá o sentido à vida deste formigueiro humano. Sim, em vez da estátua de Lenine, será necessário imaginar um playboy em smoking. Vai ser assim um dia. E no desfile haverá novamente estas três categorias: os plácidos sonâmbulos muito maioritários, os trocistas e alguns rebeldes marginais...”

Ia tossindo enquanto falava; mas o verdadeiro acesso de tosse veio quando retomámos a marcha. Um sufoco de latidos que lhe dava o aspecto lamentável de um cão velho a esvaziar os pulmões das suas últimas cóleras. Fiquei ali sem fazer nada, sem saber como ajudá-lo nem o que dizer, confusamente envergonhado como ficamos sempre perante uma pessoa que se sente mal em plena rua.

Estávamos parados numa descida mal pavimentada e ladeada de velhas casas de madeira. No cimo da inclinação, atrás da rede clara de salgueiros, víamos cintilar o rio. Nas margens havia ainda placas de gelo. De vez em quando, uma nuvem escondia o sol e a paisagem lembrava então um início de inverno...

Ress conseguira, por um instante, acalmar a tosse, levantara a cabeça e, de um olhar que me pareceu cego, abarcou a descida, a margem, os salgueiros. As suas palavras assobiaram, febris:

"Sim, elas estarão... sempre aqui... estas três categorias... Porcos sonolentos... trocistas... rabugentos com os pulmões rebentados... como eu..."

A tosse retomou e, de repente, a mão que ele colava aos lábios encheu-se de vermelho. Com uma vivacidade falsa, tirou um lenço e vi que o tecido já estava manchado de sangue. Um novo abalo no peito fez jorrar da boca um coágulo escuro, e depois outro, eu apressava-me a estender-lhe o meu lenço...

Um detalhe evocador: aquele lenço de seda tinha-me sido oferecido por uma amiga. Uma tal prenda que hoje pareceria inapropriada não era então insólita na Rússia daqueles anos, o que me permite avaliar o afastamento quase cósmico que nos separa daquela época. Porém, naquele dia, ao ver Ress limpar os lábios, era o passado desse homem que eu adivinhava: "Ele praticamente nem teve oportunidade de ser amado..." Longas penas de trabalhos forçados, a lentidão torturante com a qual a vida de um prisioneiro se refaz e já uma nova detenção, e de seguida uma saúde demasiado devastada para esperar um renascimento graças a um reencontro, num novo sonho, num amor.

Ele permanecia curvado, derrotado pelo fustigar da tosse, o lenço esmagado contra a boca. Na postura feia de um bêbado tonto e enjoado. Desamparado, eu balbuciava de vez em quando um encorajamento inútil: "Isso vai acalmar... um copo de água fresca e..." Com uma intensidade nunca antes sentida, compreendia a injustiça atroz da vida ou da História ou talvez de Deus, enfim, a crueldade deste mundo indiferente perante um homem que cuspiu o sangue num lenço de seda. Um homem que não tinha tido tempo de amar.

Metade do céu estava já carregada de nuvens. Os flocos esparsos começaram a planar por cima dos telhados, a tecer uma ondulação branca no fundo da rua. Muito longe, atrás do rio, a luz continuava resplandecente, primaveril, como se a procissão pintalgada da manhã continuasse lá, deixando-nos sozinhos nesta pequena rua em declive. A neve, aquela última neve do ano, trouxera tranquilidade, a nova profundidade do olhar, a harmonia silenciosa de tudo o que víamos. Este silêncio fora também o fôlego que Ress acabou por encontrar, uma cadência de expiração breve, cada vez mais tranquila.

A sua voz, libertada doravante do desejo de contestar ou de convencer, soara tal como um eco vindo de um tempo onde o que ele dizia pareceria evidente:

"Três categorias... Os conciliantes, os trocistas, os revoltados... Mas há... Há também aqueles que têm a sabedoria de parar numa rua como esta e de observar a neve cair, de ver uma lâmpada que se acendeu numa janela, de aspirar o aroma da lenha que arde. Esta sabedoria, apenas uma ínfima minoria entre nós sabe vivê-la. Eu encontrei-a tarde de mais, estou ainda a começar a conhecê-la. Muitas vezes, por hábito, volto a desempenhar os velhos papéis; fi-lo há bocado ao gozar com

estes pobres homens na sua tribuna. São cegos, vão morrer sem terem visto esta beleza."

O que víamos era modesto, cinzento, muito pobre. Casas do século passado, telhados hirsutos, aqui e ali, caules mortos. O ar embaciado lembrava um crepúsculo de Novembro, a espera do inverno. Estávamos em Maio e toda a cidade preparava o almoço de festa, o sol ia voltar com a sua alegria brutal. Mas a beleza estava ali, naquele instante resguardado no meio das estações. Ela precisava apenas daqueles coloridos apagados, da frescura intempestiva da neve, da memória dolorosa, de súbito acordada, de tantos invernos antigos. Essa beleza confundia-se com a nossa respiração, bastava apenas esquecer aqueles que nós acreditávamos ser.

Não sei exactamente em que condições Ress morreu, nem se estava, no fim, acompanhado por uma presença amigável ou, pelo menos, atenciosa. Tenho desculpas que valem o que valem: viagens, trabalho, dificuldade em estar em contacto com alguém que, como ele, não dispunha sequer de um telefone. E, aliás, nunca fôramos verdadeiramente próximos, era um "amigo de um amigo de um amigo".

Hoje, mais de um quarto de século mais tarde, quando tento lembrar-me de Ress e - como fazemos todos por vezes ao falarmos com aqueles que partiram ou que morreram - lançar-me numa conversa em que a sua voz participaria, surge-me por vezes um pontilhado de dias, muito anteriores ao nosso encontro, que remontam já à minha infância, à minha juventude. Revivem na minha memória graças a Ress que falava, com lábios ainda manchados de sangue. Estranhamente, são os reflexos do passado que respondem melhor à sua entoação deformada. Talvez porque se trata de instantes de ternura muito antigamente vividos, instantes de amor que ele não teve tempo de viver.

Nas palavras silenciosas destinadas a Ress, o essencial, para mim, era fazê-lo compreender que ele tinha razão. E que nós somos todos capazes de abandonar a marcha gregária do desfile, as suas vociferações exaltadas, os seus emblemas esmagadores, as suas mentiras.

O essencial é poder dizê-lo sem trair a voz estilhaçada deste homem que tinha recebido, num campo de trabalhos forçados, o apelido de "Poeta".

II

Aquela que me libertou dos símbolos

Não foi a primeira mulher que me encantou pela sua beleza, pela força paciente do seu amor. Ela foi a primeira, em todo o caso, a revelar-me que uma mulher que ama já não pertence mais ao nosso mundo mas cria outro e lá permanece, soberana, inacessível à rapacidade febril dos dias que passam. Sim, uma extraterrestre.

Só de pensar que o nosso encontro teve lugar num cenário destinado a representar uma vida sem amor!

Os símbolos oficiais têm um papel psicotrópico: a nossa modesta pessoa encontra-se decuplicada num espectáculo de massas, a nossa voz ecoa, amplificada pelos hinos e o alarido dos cobres, a nossa angústia de mortais esbate-se graças à longevidade da História. Os emblemas representam-se, como em *trompe l'œil* de propaganda, uma via a seguir, um sentido da vida, um futuro. Sim, ansiolíticos existenciais, antidepressivos metafísicos.

Em criança, estava longe de desconfiar e no entanto estas drogas simbólicas já agiam em mim. Camuflavam a miséria em que vivíamos e que seria hoje difícil de descrever, face ao excesso de objectos complacentes, descartáveis. Tal como os meus colegas, via um mundo transparente de pobreza: uma cama de ferro num dormitório, roupas que, à medida que crescíamos, passavam aos nossos benjamins, um único par de sapatos, demasiado quentes no verão, demasiado finos durante os frios que, nestas regiões do Volga médio, sevicavam-nos até Abril. Uma caneta (na verdade, um pauzinho com uma ponteira de fixação para o bico), alguns cadernos, nenhum outro livro senão aqueles que requisitávamos da biblioteca, sem dinheiro, sem objectos pessoais, nenhum meio de comunicar com o exterior.

A alegria de viver que nos habitava parecia ilógica, quase sobrenatural. Mas a felicidade tem apenas, como escala de medida, a nossa própria existência, rica ou deserdada. Ao meio dia, no fim das refeições, tínhamos direito a uma malga de um líquido quente onde amoleciam algumas lamelas de frutos secos.

A sorte de nos calhar um figo transformava um de nós no eleito; saboreava, de olhos entreabertos, inteiramente concentrado no sabor inefável que eclodia na sua boca. E nós observávamo-lo, mudos, transportados até ao país longínquo onde esses frutos amadureciam... Bem mais tarde, viria a encontrar num livro de Soljenítsin uma personagem que, no gulag, exultava ao repescar na tigela de sopa um pequeno pedaço de peixe, graças a uma concha que raspa o fundo de uma panela. Um dia, ao falar com um dos inúmeros prisioneiros da época estalinista, fiquei a saber que a felicidade podia ser ainda menos consistente: um grão que ficara por moer numa fatia de pão...

Juntamente com estes prazeres de pobres, nós dispúnhamos de uma felicidade infinitamente mais rica, a das coisas imaginadas. Possuíamos tão pouco e tão brevemente que o mundo inteiro se oferecia aos nossos sonhos. Aquela cidade resplandecente de brancura, por exemplo. Vejo ainda as ruas banhadas de sol, os seus habitantes grandes e serenos caminhando sem se apressarem, a penetrarem numa loja cheia de uma profusão de alimentos dos quais escolhem, ora uma garrafa de limonada, ora uma tablete de chocolate (uma única, e no entanto há milhares delas!) e vão-se embora sem ter de pagar nada... A nossa professora, respondendo às nossas questões sobre a natureza do comunismo, deu-nos esta explicação:

“O dinheiro deixará de existir. Cada um poderá levar o que lhe for necessário...”

Um rumor de incredulidade percorreu a turma, o eco do que acabávamos de entrever: hordas em júbilo invadem as lojas e fogem, carregados de montes de bolachas, chocolates, gelados... A professora deve ter adivinhado a pilhagem programada e apressou-se a completar a sua interpretação do futuro:

“As pessoas que vão viver na sociedade comunista terão um tipo de consciência diferente da nossa. As lojas estarão cheias e tudo será gratuito mas cada um levará apenas aquilo de que precisa. Porquê acumular se podemos voltar amanhã?”

A cena passava-se no início dos anos sessenta. O Partido acabava de anunciar a vinda do comunismo num prazo maravilhosamente próximo de vinte anos.

A ideia de um novo tipo de consciência atingiu o meu pensamento de criança como uma iluminação. Sim, uma cidade luminosa, pessoas sorridentes, fraternais, e que, no meio de uma abundância de objectos cobiçados e de mantimentos, não perdem a cabeça, escolhem o mínimo, suficiente para se alimentarem e dedicam-se a uma actividade misteriosa que a professora chamava de “edificação do futuro”. Esse trabalho tornava

derrisório o desejo de se enfiar, de empurrar o seu próximo para ter o melhor bocado... As imagens de infância não perdem a cor nem se apagam. Essa cidade luminosa pareceu-me muitas vezes mais real do que aquelas onde eu vivia.

A propaganda oficial coagulava estes reflexos de sonho numa linguagem tangível, simplificada, comum a toda a população do país. Os dois grandes desfiles do ano, o do Primeiro de Maio e o da Revolução de Outubro, materializavam os símbolos: a ideia encarnava em colunas de trabalhadores, a palavra transformava-se em tanques e foguetões na Praça Vermelha, a História tinha a voz de uma multidão infinita que, de Moscovo ao mais humilde povoado, passava em frente às tribunas de onde os dirigentes saudavam este ensaio geral da sociedade messiânica.

Eu era incapaz de o compreender naquela altura, ao caminhar nas fileiras, junto dos meus colegas, levando uma bandeira ou até o retrato de um dirigente do Partido. Fica agora a recordação de uma adesão hipnótica à massa humana, o deslumbramento perante a maré de bandeirolas vermelhas, um estado de euforia e até mesmo de êxtase, sim, uma forma de transe. Demasiado jovem para tal análise, sentia-me então muito simplesmente feliz.

As cerimónias do Primeiro de Maio acabaram por formar, na minha memória, uma única festa sonora de slogans de altifalantes e de longas aclamações, salpicada de feixes de sol e de batimento das bandeiras escarlates ao vento.

Os desfiles de Outono, em contrapartida, deixaram-me toda uma outra recordação, uma sensação perturbadora para uma criança que acreditava verdadeiramente naquele espectáculo e que de súbito se sentiu enganada. É isto, a impressão de uma mentira adivinhada por detrás da encenação.

Apesar disso, o cenário daquele desfile, politicamente mais importante do que o Primeiro de Maio, era sempre irrepreensível. A rigorosa hierarquia dos dirigentes nas tribunas, as bandeirolas que anunciavam o futuro radioso bem próximo ou que fustigavam o imperialismo americano. O passo alerta dos participantes agrupados em função da sua pertença profissional, a fixidez imponente dos militares na guarda de honra, aquela muralha viva contra os inimigos do socialismo. Do ponto de vista simbólico, cada detalhe era respeitado: o povo avançava em direcção à futura cidade branca com que eu tanto tinha sonhado!

E foi talvez apenas uma fina chuva glacial que mudou, nesse dia, o sentido da procissão. Sim, um desconforto puramente físico a incomodar os ocupantes das bancadas.

Os alunos do nosso orfanato desfilavam em último lugar, tendo em conta o pouco peso ideológico que representavam as nossas fileiras sobriamente vestidas, as nossas cabeças de cabelos rapados, as nossas caras pálidas e ossudas de crianças mediocrementemente alimentadas. No momento em que chegávamos ao pé da tribuna, os apparatchiks romperam a sua imobilidade de parada militar, mexeram-se e, imitando o primeiro deles, começaram a abandonar as bancadas, trocando palavras discretas, virando a boca para o lado. As aclamações retumbavam ainda, demasiado barulhentas para que pudéssemos ouvir aquele conciliábulo; porém, o tema era claro: o tempo desagradável, o frio, o prazer de um almoço copioso que os esperava.

Sem me aperceber, vi o avesso do cenário – uma cena abandonada por aqueles actores sinistros. As tribunas esvaziavam-se, perdendo o seu significado simbólico. A embriaguez festiva cedeu o lugar a uma intuição angustiante, uma dúvida que me apressei a afogar no coro ruidoso dos meus colegas, no cheiro da tinta vermelha das bandeirolas molhadas pela chuva... Contudo, aquele breve “para quê” não deixara indemne a minha crença ingénu.

Dois dias mais tarde, uma visão nocturna, fantasmática, fortaleceu a minha desilusão... Muitas vezes, mandavam-nos trabalhar em grandes fábricas, na periferia da cidade, para nos prepararem para uma actividade manual, a sorte à qual a nossa condição nos predestinava. Limpávamos as oficinas, varriamos os pátios atulhados de ferragem, apanhávamos os detritos de aço ou de madeira. Naquela noite, o camião que devia levar-nos ao orfanato avariou e, reagrupados num entreposto, esperámos até tarde pela noite dentro... Enquanto atravessávamos a cidade, um espectáculo angustiante surgiu perante aqueles que, como eu, estavam sentados na parte de trás do furgão: na Praça central, sob os feixes de projectores, os operários desmontavam as tribunas! Tive tempo de entrever longas secções de bancadas, uma pilha de retratos amontoados, sem qualquer cuidado, uns em cima dos outros...

O choque foi tão violento como se, em plena sessão, num filme, tivesse reparado nos técnicos ocupados a mudar a disposição do mobiliário ou a fazer cócegas a uma actriz. A evidência desta constatação cegou-me: procedia-se a essa desmontagem durante a noite para esconder às pessoas que se tratava de um simples cenário, de uma fachada colorida atrás da qual não havia nada. Sim, havia o macadame sujo de beatas, a tristeza adormecida das janelas nas casas feias, aquelas árvores nuas, friorentas. Os gestos dos operários traíam uma brusquidão rabugenta, um cansaço enojado... No dia seguinte, a Praça retomou o seu aspecto normal, deixando-me apenas um pensamento lancinante: “Todas essas bancadas, devem então

estar escondidas num lugar secreto...”

Uma descoberta ainda mais surpreendente foi feita no fim do Inverno: esse lugar não tinha nada secreto!

Numa tarde de Fevereiro, mandaram-nos limpar as vias de um vasto parque nos limites da cidade, e foi lá, na parte menos frequentada, que nos deparámos com as tribunas do desfile. Ninguém tinha tentado dissimulá-las, a não ser aquela neve espessa, intensamente azul sob o sol e que nenhum pé de homem tinha calcado...

O verdadeiro mistério manifestou-se aliás não nas bancadas cobertas de neve, mas nas entranhas das tribunas, um espaço sombrio e perfurado de barras de aço para onde deslizei, seguindo três ou quatro colegas. Os outros, com a pá ao ombro, metiam-se já em filas para voltar ao orfanato, enquanto nós empreendíamos uma longa exploração daqueles labirintos metálicos.

A aventura tinha, para mim, uma atracção algo sacrílega: escondido nos degraus que ocupavam habitualmente os dirigentes do Partido, eu acabava de penetrar no santo dos santos do poder, a gradação de renome, no coração de um símbolo! Identificava, por baixo, o lugar do apparatchik principal, de seguida, o cerco da intelligentsia...

Um grito vindo do exterior rompeu o meu devaneio. Os meus colegas chamavam-me e no seu tom perpassava uma alegria cruel disfarçada de solicitude amigável:

“Vamos, anda, sai daí! Está na hora de ir embora, o vigilante vai resmungar outra vez...”

Ao enfiar-me entre dois suportes de aço, devo ter atravessado uma barreira de vigas a meia altura de um homem, deslizado com mais dificuldade por entre as barras seguintes, devo-me ter curvado para atravessar um novo transepto...

Subitamente, compreendi que aquele labirinto, embora com aberturas, não tinha saída!

Gargalhadas desenfreadas responderam ao meu pânico. Os meus colegas partiam-se a rir, apontavam-me o dedo como se eu fosse um animal cativo. Incentivos perversos juntavam-se àquela troça:

Não te preocupes, tens todo o tempo do mundo até amanhã! Dorme bem, boa noite! Nós dizemos ao vigia que decidiste dormir debaixo das tribunas, ah, ah, ah...”

Já se iam embora, praticamente esquecidos de mim. Eu conhecia esta mistura de dureza e de indiferença que era a própria substância das nossas vidas.

O medo privou-me de qualquer discernimento. Tal como

uma marioneta puxada pelos fios, agitava-me repetindo sempre a mesma série de movimentos no meio de inúmeros pilares metálicos - curvaturas, rodopios, escorregadelas, contornos... Conseguindo chegar à última fileira de suportes, constatei que estavam mais apertados do que os anteriores e não me deixavam qualquer hipótese de escapar. Apercebi-me também de que instintivamente tinha escolhido a via que ia na direcção do sol, que não era a certa.

Nenhuma via era certa naquele dédalo. Voltei a fazer o exercício no sentido oposto, já com o pressentimento resignado do fracasso. A geometria do aço não mudara: transeptos, traves, esquadros, pesadas barras perfiladas... A meio do percurso, fui abalado por uma certeza abominável: estava a movimentar-me de uma jaula para outra...

A carcaça das tribunas não era, afinal, mais do que uma sucessão de jaulas!

Eu ia contudo até ao fim dessa dura gincana. Enrolava-me, dobrava-me em dois, saltava, achatava-me... Na outra extremidade das tribunas, a mesma armadura, a mesma armadilha que deixava intervalos demasiado estreitos...

O pânico fez explodir em mim a energia de um animal perseguido. Virei-me, lancei-me num assalto desordenado, de uma jaula para outra, já sem reparar nos choques contra o cortante das vigas, sem seguir mais nenhuma direcção específica... A minha testa chocou violentamente contra o rebordo de um degrau, a minha vista ficou turva, parei e a dor trouxe-me uma tranquilidade desvairada, a aceitação morna da derrota.

Mergulhado num torpor de condenado, vi-me numa vasta teia de aranha, tecida de ferro. Nenhum recanto escapava àquela grade de três dimensões. O céu, o chão gelado, a sombra das árvores e o sol, tudo estava riscado por barras sólidas, indiferentes à minha presença febril.

O meu terror era tão profundo que devo ter visto naquele enclausuramento carcerário uma realidade mais vasta, que dizia respeito ao país em que vivia e do qual começava, graças aos fragmentos de conversas interceptadas aqui e ali, a conceber a natureza política... Bem mais tarde, a recordação desta camisa-de-forças metálica viria a lembrar-me do desespero que sentiam os meus compatriotas perante a omnipresença da censura e do controlo policial, mas sobretudo perante a impossibilidade de abandonar o país, de perfurar a estrutura da Cortina de ferro. Ao longo do imenso território, as mesmas tribunas, os mesmos slogans nos altifalantes, os mesmos retratos de dirigentes. E, debaixo das bancadas, aquelas nassas de aço, idênticas, sem saída. Não conhecia ainda a noção de "regime totalitário". Porém, a sensação íntima do que se podia nele viver surgiu-me nesse

momento, nas entranhas frias do símbolo...

Retomei a minha travessia com gestos entorpecidos de sonâmbulo, guiado pela esperança vaga de passar sob a primeira fileira de degraus, na parte da frente das tribunas. Bastava-me agora, a cada passo, baixar-me um pouco mais, as jaulas diminuía à medida que eu avançava em direcção à saída improvável. O meu cálculo não era falso, o primeiro degrau, a cerca de quarenta centímetros do solo, poder-me-ia permitir escorregar lá para fora. Mas era sem contar com a espessura do gelo, aquela camada negra agarrada à base daquela carcaça. Estendi-me na superfície gelada, tentei passar a cabeça por debaixo do degrau, deixei cair a minha chapka, a face contra a neve...

Não; para escapar, seria preciso moer aquela crosta de neve granulada ou então derretê-la. A ideia do degelo surgiu na minha mente, apenas para explorar a loucura desse projecto: sim, ficaria aqui até à chegada dos belos dias de Abril...

Sacudi a cabeça para afugentar esta visão e foi então que vi uma pequena mancha vermelha incrustada no gelo. Toquei nela e reconheci os restos de um balão de criança, um daqueles que enfeitavam as tribunas durante os dois desfiles. Os filhos dos notáveis por vezes deixavam-nos escapar e nós, errantes nas nossas fileiras entusiastas, observávamos aquelas bolhas coloridas a desaparecer ao fundo no céu... Naquele momento, estava deitado debaixo da divisão onde habitualmente juntavam essas crianças e as mães. O balão vermelho devia ter rebentado, caído nos degraus, ficado preso a uma viga...

Sentia o abismo que me separava daquele que o tinha perdido, imaginava um rapaz da minha idade, a viver numa família, a assistir ao desfile não no meio de uma multidão de desconhecidos mas, nas tribunas, com os seus pais. Não pensava num "filho de ricos", adivinhava antes a textura dessa vida tão diferente da minha, a presença materna ao seu lado, a solidez de um modo de existência que aquele rapaz partilhava com algumas das outras crianças daquele cerco. A impossibilidade de conhecer a sua maneira de viver coincidia, na minha cabeça, com a minha incapacidade de sair daquelas jaulas de aço.

Menos surpreendido do que antes, reparei que em cima de mim havia os despojos de outro balão, desta vez azul, que estava pendurado, preso entre duas barras. Estendi a mão e...

Foi como um feixe de luz no escuro: no sítio onde estava preso o balão rebentado, os suportes metálicos das tribunas formavam transeptos que, seguindo a subida dos degraus, pareciam ir dar ao vazio!

A provação fora penosa mas a esperança dera-me a força de um temerário. Era preciso estender-me de barriga para baixo na intersecção das barras, agarrar o cruzamento seguinte, içar-

me à sua altura, como uma peça de roupa atirada para um gradeamento, retomar o fôlego e, sentindo já a dor das suas superfícies cortantes enfiadas no meu diafragma, recomeçar aquela ascensão rastejante. Tracção, equilíbrio momentâneo numa lâmina, agitar-se como um lagarto, agarrar-se novamente, novo impulso...

O último balanço foi executado com um vigor quase supérfluo, com desdém pelo monstro vencido. Empunhei a barra mais alta, rodopiei, agarrei-me ao degrau do topo, transpu-lo, sentei-me na tábua coberta de neve.

Estava livre.

Estava cego de luz, o olhar irisado pelo esforço. Surdo, também, ouvindo apenas os tambores do sangue nas minhas têmporas. Após tão longo encarceramento, tudo me parecia novo, sobretudo visto daquela altura. Um sol calmo, a brancura das vastas clareiras, o repouso majestoso dos grandes pinheiros sob os montes de neve.

Na alameda paralela ao rio, vi com estupefacção um pequeno grupo de crianças que se afastava lentamente, cada uma levando uma pá no ombro. Reconheci os meus colegas e até aquela aluna que nós chamávamos de "Capuchinho Vermelho", por causa do seu chapéu, uma rapariga sempre rebelde à disciplina e que agora caminhava distanciada dos outros e parecia dançaricar ao mesmo tempo que avançava... A minha ausência afinal não tinha sido notada e o meu interminável cativo nas jaulas de aço afinal durara apenas alguns minutos!

Começava a descer os degraus da bancada, perplexo perante o tempo duplicado que me fez duvidar da realidade da minha própria pessoa. E como uma confirmação à novidade de um tal estado das coisas, surgiu aquela rapariga.

Ela tinha vindo para as tribunas, seguindo certamente as nossas pegadas nas manchas de neve, tinha limpado a ponta de um degrau e, naquele momento, estava sentada, as pálpebras fechadas sob a irradiação do sol. Sobre os joelhos, tinha um livro aberto.

Parei a minha descida, estaquei, consciente de que o que se estava a passar não pertencia ao mundo em que eu vivia.

Era a primeiríssima vez que o sentido da feminidade me surgia com tanta clareza. Até então, as mulheres tinham o aspecto das operárias com quem nos cruzávamos nas fábricas e nas obras, mulheres fortes, muitas vezes marcadas pelo labor físico e o álcool, e que a vida tinha forjado para poderem fazer frente aos homens. No orfanato, a feminidade era ainda menos visível, tínhamos todos, rapazes e raparigas, uma identidade neutralizada: cabeças rapadas uma vez por mês, roupas da mesma flanela espessa, uma linguagem na qual não notávamos a rudez masculina. Havia, claro, mulheres reunidas na divisão

familiar das tribunas, as esposas dos notáveis e dos apparatchiks, mas eram tão pouco reais como as figuras simbólicas nos cartazes de propaganda.

A jovem que eu via agora tornava-se poi, para mim, a primeira mulher verdadeira. Feminina era a posição ligeiramente curvada do seu corpo. E aquele joelho, sob a lã fina de uma meia preta, e que uma aba do casaco descobria com uma naturalidade inocente e poderosa. E aquele rosto, de olhos fechados, que parecia oferecer-se a uma carícia.

Graças a ela, compreendi subitamente o que significava estar apaixonado: esquecer a sua vida anterior e existir apenas para adivinhar a respiração daquele que amamos, o tremor das pestanas, a doçura do seu pescoço sob um lenço cinzento. Mas acima de tudo sentir a feliz incapacidade de reduzir a mulher a ela própria. Porque ela era também aquela abundância nevosa que nos envolvia e o empoeiramento solar suspenso entre as árvores, e todo aquele instante onde se deixava já pressentir o sopro tímido da Primavera. Ela era tudo isto e cada detalhe na linha simples da sua silhueta tinha o reflexo dessa extensão luminosa.

A neve rangera sob o meu pé, a mulher abriu os olhos e nas suas pestanas vi brilhar lágrimas. Os seus traços, contudo, continuavam serenos, quase radiosos.

Desci, com um cuidado embaraçado, confuso por ter rompido a sua solidão. Ela baixara a cabeça para o livro, um tinha lá um envelope como marcador de página. De um gesto precipitado fechou o volume, como se eu tivesse podido roubar o segredo da sua carta. Imediatamente, deve ter-se apercebido que nenhuma ameaça podia vir de uma criança tão embaraçada como ela daquele encontro inesperado. Olhou para mim durante muito tempo, desta vez com um ligeiro sorriso. Ao chegar ao último degrau, vi passar nos seus olhos uma sombra tão violentamente dolorosa que me voltei, precipitando-me para trás das tribunas.

O mistério da armadilha encontrou ali a sua explicação: uma barra de aço segura apenas por uma cavilha podia ser afastada, dando assim acesso ao labirinto...

À saída do parque, cruzei-me com duas mulheres idosas, funcionárias de jardinagem que esgravatavam sem entusiasmo o solo gelado em torno de grandes bacias de pedra. Uma delas abanara a cabeça em direcção ao local onde se encontravam as tribunas e soltara um suspiro:

“Que é que tu queres?... Ele era tripulante de um submarino, o moço dela. E no mar, quando acontece uma desgraça, não se tem nem campã nem cruz...”

A outra parou de esgravatar, apoiou-se no cabo da pá e suspirou também:

“Oh, sabes, as cruces... Talvez seja melhor não haver

campanha. Ela vai-se conformar mais rápido...”

Apanhava do ar estas palavras e corria para junto do pequeno grupo dos meus colegas. Inconscientemente, esperava recomeçar com as nossas brincadeiras para esquecer a beleza e a dor daquilo que acabara de viver.

Esse esquecimento nunca veio. A jovem sentada nas tribunas nevadas transformou-se em bem mais do que uma recordação. Uma maneira de ver, de compreender, uma sensibilidade, um tom sem os quais a minha vida não teria sido tal como viria a ser. Após o nosso encontro fugitivo, tive todo um outro olhar sobre os pesados símbolos que celebravam o projecto messiânico da minha pátria. Todos aqueles desfiles, cerimónias, congressos, monumentos... Curiosamente, tinha doravante menos vontade de os ridicularizar, de criticar a hipocrisia dos dignitários que subiam os degraus das bancadas, de denunciar aqueles oportunistas para quem o sonho de uma sociedade nova não era mais do que uma velha mentira útil.

Eu adivinhava que a verdade não se encontrava nem entre eles nem no campo oposto, nos contestatários. Ela surgia-me simples e luminosa como aquele dia de Fevereiro, debaixo das árvores pesadas de neve. A beleza humilde do rosto feminino de pálpebras cerradas tornava derisórias as tribunas e os seus ocupantes e a pretensão dos homens de profetizar em nome da História. A verdade era dita pelo silêncio daquela mulher, pela sua solidão, pelo seu amor tão amplo que até ofuscou para sempre aquela criança desconhecida que descia os degraus.

Concluí que esta mulher apaixonada vivia num tempo que não tinha nenhuma ligação com a rotina da nossa existência ritmada por grandiosos espectáculos de massa. Ou até, talvez, ela vivesse num mundo tal como ele poderia ter sido, sem a raiva dominadora dos homens, sem aquelas tribunas, sem a teia de aranha das suas barras.

Esta esperança reanimara em mim o meu sonho da cidade branca, dos homens de consciência nova que, segundo a nossa professora, iam viver na sociedade futura. Sim, esses belos seres, serenos que não acumulariam e que trabalhariam apaixonadamente para a “edificação do futuro”...

Foi então que com perplexidade compreendi que faltava uma coisa a esse projecto sublime.

“Amor...”, murmurara em mim uma voz incrédula. Tudo estava previsto na sociedade ideal: o trabalho entusiasta das massas, o progresso fabuloso da ciência e da técnica, a conquista espacial que levaria o homem para galáxias desconhecidas, a abundância material e o consumo razoável ligado à mudança

radical das mentalidades. Tudo, absolutamente tudo! Menos...

Não voltei a pensar no “amor”, voltei a ver simplesmente a jovem no meio da grande calma ensolarada das neves. Uma mulher de olhos fechados e cujo rosto se estendia àquele que ela amava.

Quarenta anos mais tarde, tendo-se tornado públicos os segredos militares, soube o nome do submarino que se tinha danificado no mar e tinha levado o homem cuja sombra amada eu tinha vislumbrado no rosto da jovem sentada nas tribunas dos desfiles. Os acontecimentos recortavam-se: o nosso encontro no parque tinha acontecido pouco mais de um ano após o naufrágio...

A história parecia doravante clara, do início ao fim. Apenas continuava misterioso aquele reflexo de dor e de serenidade que exprimiam os traços da jovem. Um medo supersticioso impedia-me de dar nome a esta contradição, tinha medo, ao raciocinar demasiado, de destruir a beleza frágil do instante que tinha vivido, criança, no cimo das tribunas. Com o tempo, esta incompreensão acabou por formar uma daquelas reminiscências nebulosas que evitamos precisar, sabendo que a sua ternura é devida à própria indefinição da nossa recordação. Bastava-me, para a encontrar, pronunciar estas palavras, tal como um encantamento vindo da minha infância: “Foi a primeira mulher por quem me apaixonei.”

Eu teria guardado apenas este doce eco do passado se, alguns anos mais tarde, não tivesse encontrado, no olhar de outra mulher, a mesma expressão de um amor luminoso e magoado.

Uma cidade do departamento do Var, que percorro, entre dois comboios, a caminhar um pouco à aventura. Um dia de Inverno ofuscante de sol e de mistral, a impressão de que a força do sopro vai levar tudo no seu furor radioso. E tudo voa, as toalhas de papel e os guardanapos nas esplanadas dos cafés, o chapéu daquele senhor idoso que consegue pregá-lo ao chão com a ajuda da bengala, sacos de plástico que se agarram aos ramos nus dos plátanos, as persianas que batem, as abas dos casacos que os passantes baixam, com um gesto de toureiro, nos seus corpos derrotados... Com o esmeril em pó dos seus turbilhões, o vento afia os raios de sol, a sonoridade dos ruídos. As buzinas furam os tímpanos, os fragmentos de palavras projectam-se em pequenos estilhaços cortantes. A cidade é um relâmpago de magnésio de um fotógrafo de outrora.

De olhos ofuscados, a pestanejar com a poeira, refugio-me

atrás de um muro, caminho quase às apalpadelas, antes de descobrir aquelas lajes fúnebres e aquelas cruzeiros. Um cemitério, branco como as fachadas, mas atrás de uma fileira de ciprestes, ao abrigo do vento, é possível voltar a si, respirar e, virando as costas à metralha do sol, reencontrar a lentidão...

Preparo-me para retomar o meu caminho, para me lançar no rebentamento do vento e do fogo quando, de repente, vejo aquela fixa pincelada escura perto de uma laje. A pincelada estremece, torna-se uma silhueta de mulher, volta-se, caminha ao longo da sebe de ciprestes. Um rosto jovem, olhos iridescentes de lágrimas... Ao chegar à minha altura, a mulher sorri para mim vagamente e vai-se em direcção à saída. Quando ela desaparece, aproximo-me da campa que ela acaba de deixar, leio o nome, faço um rápido cálculo: dezoito anos vividos antes do ano dois mil, mais dez anos depois. Vinte e oito anos. Um marido? Um noivo? Um irmão? Morrerá no ano passado...

Na rua, a brancura resplandecente do sol faz-me lembrar a luminosidade de um fim de inverno, na minha pátria. Uma desconhecida sentada nas bancadas, na grande tranquilidade da sonolência nevosa. Acabo de reencontrar o seu rosto sob os traços da jovem que cruzei no cemitério. Aquele reflexo de dor e de serenidade.

Percebo que se trata de um momento muito fugaz, e no entanto essencial, na vida de um ser magoado. Toda a mágoa ainda lá está mas o amor já se liberta dele e vive, fugazmente, na sua verdade absoluta: o mundo com os seus absurdos, as suas mentiras e as suas fealdades não se interpõe mais entre a mulher e aquele que ela ama.

O mundo... Lembro-me das jaulas de aço onde me debati, criança, sob as tribunas do desfile. E os hierarcas sombrios a saudar a multidão. E as guerras, e as revoluções. E as promessas de liberdade e de felicidade planetárias clamadas de Este a Oeste. A ideia mergulha-me num espanto sem limites: não resta mais nada de tudo isso!

Ao fundo da rua, posso ainda distinguir a jovem de preto que acaba de se ir embora. Um sentimento de comunhão intensa. E depois a sua silhueta funde-se na impetuosidade azul e dourada do mistral.

III

A mulher que viu Lenine

Primeiro, foi-nos apresentado um homem. Muito oficialmente, aquele quinquagenário tirava partido de ser um eleito da História e no dia de aniversário do nascimento de Lenine, 22 de Abril, era convidado nas escolas da cidade para falar aos alunos do seu breve encontro com o guia da Revolução proletária. Uma manhã, de acordo com o horário certamente muito preenchido das suas actividades, ele veio ao nosso orfanato.

A espera da sua visita causou-nos uma emoção muito viva e talvez comparável, salvaguardadas as proporções, com o choque que poderia ter provocado a aparição, num colégio francês do tempo de Jules Ferry, de um soldado da guarda napoleónica que tivesse roçado com o bigode hirsuto na mão rechonchuda do Imperador.

O homem entrou, sorriu e falou com uma fluidez surpreendente, com vivacidade até, fazendo pausas para que pudéssemos soltar um “ah!”, baixando a voz quando a intriga da narrativa criava suspense. Era um profissional. A dúvida começou a cercar-nos desde os primeiros minutos do seu número.

Em primeiro lugar, pareceu-nos demasiado jovem. Tínhamos imaginado um velhote encanecido, curvado, coberto de cicatrizes. Porque vindo da noite dos tempos, tal era, para nós, a época da Revolução de 1917, deveria necessariamente ter combatido durante a guerra civil e também contra Hitler. Sim, teríamos preferido um granadeiro de grandes bigodes, na sua versão russa, evidentemente. Mas ele era cor-de-rosa, pequerrucho, liso e parecia um belo pequeno apparatchik comsomol da imagem oficial.

A nossa professora de história, uma bela mulher na casa dos trinta, ficou ela própria desconcertada pela aparência juvenil do visitante.

“O senhor não parece nada ter a idade que tem!” exclamara ela corando ligeiramente.

O homem lançou-lhe um piscar de olhos francamente provocador e murmurou:

“Quando se conhece tantas professoras bonitas...”

As nossas dúvidas aumentaram ainda mais.

Tratar-se-ia de um impostor? A hipótese é de excluir. A formação ideológica era um assunto altamente sério e o controlo exercido pelo Partido neste tipo de intervenções públicas, demasiado vigilante. Sem ter passado no detector de mentiras, o conferencista fora certamente objecto de minuciosas verificações, de averiguações biográficas, de testes de personalidade. Porque não se brincava com a imagem do fundador do Estado. Cada dia da vida de Lenine era consignado por um exército de historiógrafos e estava portanto fora de questão deixar-se introduzir nela um falsário.

Não, o homem não mentia, devia ter conhecido mesmo o teorizador do comunismo.

O seu físico de novato surpreendia mas, apesar de tudo, bem passada a casa dos cinquenta, num plano puramente cronológico e durante um lapso de tempo bastante curto, ele poderia ter coexistido com Lenine. Estávamos no fim dos anos sessenta, portanto o homem tinha nascido por volta de 1910-1913. Lenine deslocava-se sem grandes dificuldades até 1922, antes de a doença o imobilizar completamente. O conferencista, segundo o que ele dizia, tinha nove anos no momento do seu encontro histórico. Portanto, era plausível.

“A entrevista foi breve, contou-nos. Vladimir Ilitch tinha vindo à nossa aldeia para assistir à implementação da política de mecanização do mundo rural decidida pelo Partido. Os membros do soviete local queriam acima de tudo mostrar-lhe o novo tractor. E foi durante essa demonstração que esteve iminente a pior catástrofe, parecendo inevitável...”

A voz do homem tornou-se surda, ameaçadora. Franziu as sobrancelhas, encheu as narinas como se tivesse farejado um malfeitor emboscado entre nós. Nós ouvíamo-lo, de respiração suspensa, perguntávamos a nós próprios qual seria o terrível infortúnio que se ia abater sobre Lenine. Sabíamos já que o Guia fora vítima de um atentado e que o campesinato de outrora, a parte mais ignorante, a mais atrasada das massas trabalhadoras, recusava aceitar as vantagens do trabalho colectivista. O conferencista murmurou em tom de conspiração:

“O tractor que o soviete ia apresentar a Lenine, sim, esse tractor ainda que perfeitamente novo, avariou!”

Um silêncio glacial imobilizou a turma. Com doze ou treze anos, éramos suficientemente grandes para não ignorar o que acontecia aos engenheiros incapazes de implementar a política do Partido. Sob Estaline, enviava-se de imediato esses “sabotadores” para os campos. A pausa que o conferencista fez durar servia para nos fazer sentir a possibilidade de um tal desfecho. Penso que se, naquele momento da sua narração, ele

tivesse anunciado: “E então Lenine ordenou que os fuzilassem a todos!”, não teríamos ficado excessivamente surpreendidos. Talvez tivéssemos até aplaudido essa medida, severa mas útil ao sucesso da colectivização... Agora, uma tal reacção nas crianças que éramos poderia parecer de uma crueldade inverosímil. Mas nós vivíamos, naquela época, num mundo em que os inimigos por desmascarar estavam por todo o lado. O doutrramento a que estávamos submetidos, muitas vezes sem nos apercebermos, tinha por base o ódio de uma larga categoria de humanos hostis ao bem-estar do nosso país. O Partido determinava, de acordo com o contexto histórico, quem de nós entrava nessa categoria. E aliás, de forma bem mais realista, as consequências da invasão nazi estavam ainda em todas as memórias e em muitos corpos mutilados...

A voz do contador, até ali lúgubre, encheu-se de súbito de uma exaltação enternecida:

“Então, para encorajar as pessoas, Lenine pediu ao mecânico para lhe explicar o que se passava. Este, lavado em lágrimas pelo tom amigável de Vladimir Ilitch, começou a responder às suas perguntas, e foi assim, guiado pelas interrogações sempre judiciosas do grande Lenine, que ele compreendeu onde se escondia a causa da avaria. Um quarto de hora mais tarde, o motor arrancava e a charrua presa ao tractor traçava o seu primeiro sulco. O primeiro sulco da nova vida!”

O homem bateu com as mãos para desencadear os nossos aplausos disciplinados. A sua história fora impecavelmente bem apresentada. O melhor malabarista, no circo, não é o que mostra de imediato a perfeição, mas aquele ás raro que, fazendo valsar no ar uma dezena de objectos, deixa escapar um ou dois, para o público sentir a que ponto o exercício é difícil. Para exacerbar também a curiosidade e a tensão. E quando, por fim, os espectadores começam a duvidar das suas capacidades, upa! Todos os seus brinquedos voam numa ronda ritmada e sem falhas. O nosso conferencista tinha usado o mesmo procedimento: um tractor revolta-se, toda a esperança parece estar perdida, e eis que a intervenção do Guia produz um milagre. De qualquer forma, foi assim que nós o vimos porque, para a nossa geração, Lenine continuava a ser uma mistura de herói mítico e de taumaturgo. Um espírito beneficente, um avô justo e indulgente, muito diferente do feroz Estaline do qual o Partido acabava de reconhecer os delitos e que, como sugeria o conferencista, teria sem dúvida mandado o mecânico para a prisão.

Nós aplaudíamos, mas sem qualquer sinceridade. O actor tinha “exagerado”, dir-se-ia hoje. Sim, esse “homem que tinha visto Lenine” era um empresário da História oficial, um saltimbanco de feira, um cabotino... Saiu da sala com o desaforo

desengonçado de um cantor de variedades, um sorriso sedutor nos lábios, um novo piscar de olhos à nossa bela professora de história.

Estávamos tão longe do austero veterano temperado no fogo dos canhões!

A decepção reteve na sala um grupo de alunos, incluindo eu. Rodeámos a professora, perturbados, confusos.

“Ele era mesmo demais... demasiado correcto!” ousou um dos meus colegas.

O adjectivo, aparentemente deslocado (justamente, de um uso incorrecto), exprimia porém a verdade: sim, um homem demasiado meticuloso, demasiado perfeito, privado das emanações rudes da História.

A nossa professora decifrara o pensamento dissimulado e apressou-se a socorrer-nos para não nos deixar afundar na apostasia.

“Ouçam, é preciso compreender uma coisa, murmurava ela em jeito de confiança, ele era criança no momento em que conheceu Lenine e portanto, forçosamente, quando se lembra disso agora, isso torna-o mais jovem... Mas sabem, eu conheço... enfim, não pessoalmente, uma senhora de idade que estava muito ligada a Lenine e que o frequentou quando ele vivia na Suíça e em França... Ela mora numa aldeia, a uns trinta quilómetros da nossa cidade. Vou tentar informar-me para encontrar a sua morada exacta...”

O domicílio da velhinha não era fácil de localizar. Foi apenas em meados de Junho que a nossa professora nos transmitiu o nome da aldeia, Pérévoz, onde se podia chegar apanhando um pequeno comboio que servia uma sequência de subúrbios, de lugarejos e de simples paragens que davam acesso às explorações florestais. Ela mostrou-nos até, num grande livro, uma fotografia a preto e branco onde se via uma mulher de idade madura, de traços poderosamente esculpidos, de grandes olhos escuros. A sua postura simultaneamente imponente e voluptuosa evocava a leveza carnal das mulheres orientais. Muitos anos mais tarde, apercebia-me de que ela se parecia com o célebre retrato de George Sand envelhecida...

Desde a vinda do conferencista, a maioria dos alunos tinha tido tempo de esquecer aqueles fantasmas da época revolucionária e no dia da expedição éramos apenas seis a lá ir. Para cúmulo, mais nenhum rapaz quis vir, e dei por mim na companhia de cinco raparigas.

Aquela saída representava para elas um acontecimento mundano considerável, nunca tínhamos saído ainda em visita a

casa de uma pessoa que não pertencesse ao universo fechado do orfanato. Constatei que elas tinham aplicado batom nos lábios e pintado as pestanas e as pálpebras. A maturidade rápida das raparigas, nessa idade, é bem conhecida. Tinha a sensação de ser um padrinho de casamento a acompanhar cinco noivas. Felizmente, na ida, o comboio estava quase vazio.

Mais espertas do que eu, devem ter adivinhado o que havia de picante na súbita aparição de uma mulher junto de Lenine. O Guia, aquele ser radicalmente assexuado, tomou subitamente feições de uma profundidade psicológica perturbadora que o tornava misteriosamente vivo, bem mais consistente do que a múmia, contudo real, exposta no seu mausoléu na Praça Vermelha. Poderíamos ter imaginado uma estátua de Lenine que se começava a mexer, a lançar olhadelas, pronta a desvendar-nos os segredos da sua intimidade.

Na morada indicada, na aldeia de Pérévoz, descobrimos um longo edifício, sem andares, ladeado por platibandas onde cresciam sobretudo ervas daninhas. Os muros estavam pintados de um azul muito claro, a cor dos acianos, no momento em que começavam a murchar, a perder a cor.

Havia visivelmente um erro, “a mulher que viu Lenine” não podia de modo algum morar em tamanho casebre. Tocámos à campainha e, depois de uma espera vigiando cada murmúrio, empurrámos a porta.

O interior apresentava um aspecto ainda mais desolador: um longo corredor sombrio, com pequenas janelas de um lado, portas do outro, o aspecto de uma caserna ou de um lar para solteiros. Até o nosso orfanato parecia-nos mais acolhedor do que aquele alojamento impessoal. As trevas do fundo iluminavam-se sob uma magra lâmpada nua e uma voz cansada e rabugenta gritou:

“Ela não está. Foi à cidade. Não sei quando volta...”

Apareceu uma mulher de limpezas ou uma porteira, nós repetimos o nome da senhora que procurávamos, certos de que finalmente a morada certa ia ser-nos comunicada.

“Sim, é mesmo ela, replicou a porteira. Quarto número nove. Mas ela não está, já vos disse. Está em casa do filho, em Moscovo. Voltem daqui a um mês...”

Ela avançou, empurrando-nos suavemente para a saída.

Desconcertados, demos a volta à casa. Dir-se-ia desabitada, não fora, em duas ou três janelas, termos reparado numas velhas caras enrugadas que nos fixavam entre dois vasos de gerânios. A descoberta foi penosa: “a mulher que viu Lenine”

acabava os seus dias entre estas sombras pálidas! Mais parecia um covil de bruxas...

As raparigas, não muito desanimadas, decidiram ver o lado positivo das coisas:

“Ao menos aqui podemos fumar sem que os vigilantes nos venham chatear.”

Acenderam os cigarros e pavonearam-se pela rua do povoado, como se fossem estrelas desembarcadas numa província perdida. Aquela única rua, casas de madeira de telhados prostrados, a sensação de um grande abandono, de uma vida próxima da extinção. O dia estava cinzento, o vento por vezes levantava-se, percorria as folhagens pesadas com um murmúrio lamuriento, precipitado...

Só um único habitante se dignou contemplar as cinco jovens beldades: esse homem, visivelmente bêbado, sentado atrás da janela aberta da sua isba. Tinha vestida uma camisola de cavas desbotada num corpo azulado de tatuagens. À passagem das divas, as suas bochechas debaixo de uma barba irregular enrugaram-se num trejeito inquietante. E de repente, de uma voz surpreendentemente bela, entoou:

*Lá onde um mar de azul acaricia uma ilha de mármore,
Uma maga, em seu castelo dourado, espera por mim
E cada noite, deitada sob o leque de uma árvore,
Ela chora, ela chama por mim...*

“Ela que se lixe debaixo da sua árvore!” conclui abruptamente, lançando um olhar arrogante às minhas namoradas.

Desapareceu subitamente, como se tivesse caído para trás no soalho, tal como caem os fantoches num teatro de marionetas.

As raparigas correram precipitadamente para mim, o seu único defensor.

“O comboio é às dezasseis e vinte, vamos embora! dizem-me elas, assumindo o insucesso do seu desfile de moda. Vamos esperar na estação, no bar. É mais divertido do que neste buraco. Não adianta ficar. Essa amiga de Lenine não vai voltar, de certeza.

- Eu fico. Tenho a certeza de que ela vai voltar.
- Tem cuidado, o comboio das dezasseis e vinte é o último; se o perderes, todas estas velhas bruxas vão comer-te as... as orelhas, ah, ah, ah!”

Elas seguiram em direcção à estação, a rua tornou-se vazia, só uma beata fumegava na poeira da estrada. Eu hesitei e depois voltei para a casa azul.

Na fileira daquelas janelas obstruídas por ervas daninhas, nenhuma cara se mostrara desta vez. As pensionistas tinham provavelmente acabado de se reunir na sala de jantar. Ou será que almoçavam cada uma no seu quarto?

Hesitante relativamente à tática que devia adoptar, empurrei a porta de entrada e encontrei-me cara a cara com a porteira sentada à mesa. Ela tinha aberto o seu pequeno cubículo e era aí que comia. Reparei sobretudo numa garrafa de vinho pousada no chão, atrás de uma perna da mesa, o que permitia esconder essa libação solitária no caso da visita inesperada de um superior. A etiqueta da garrafa era-me familiar: um vinho de má qualidade, um vinho carrascão que as pessoas chamavam de “tinta”, devido à sua cor muito escura.

A porteira reconheceu-me facilmente (um rapaz no meio de cinco raparigas!) e em vez da resposta torta que eu esperava, a sua recepção foi quase terna:

“Não, ela ainda não chegou, a pobre senhora... Ah sim, é bem verdade: pobre senhora...”

O seu olhar turvou-se com um véu de melancolia. Acabava de atingir, penso, aquele patamar de ebriedade que nos torna, momentaneamente, doces, prontos a perdoar, a compreender.

“Anda, come um bocado!”, convidava-me ela apercebendo-se da avidez com que eu engolia a saliva.

Passou-me o pão, cortou uma rodela de salpicão. Depois, com um largo movimento do pé, empurrou para mim um banquito e observou-me a comer com um ar apiedado.

“É claro que ela é pobre!, exclamou ela a certa altura como se eu tivesse emitido qualquer reserva acerca da veracidade das suas afirmações. Não digo por ela estar aqui metida neste barraco. Quando somos velhos, não precisamos de castelos. Não, é que... não há ninguém para lhe dar amor...”

A porteira fungou, limpou os olhos com a manga da blusa, falou com uma voz quebrada:

“Mas ela tinha um marido... Só que ele traiu-a, o estafermo. Foi depois da guerra, tu ainda não eras nascido. Ela foi detida e o marido dela, para se safar, rejeitou-a. Até a acusou, dizendo que ela era inimiga do povo e... como dizemos agora... cosmo... conso... enfim, que ela não era patriota, pronto... E divorciou-se. Eles tinham uma menina e um menino. Quando Estaline morreu, ela foi libertada, mas ninguém da sua família a queria. O marido já tinha casado com outra havia muito tempo. E os filhos desenrascaram-se bem em Moscovo; tinham vergonha

daquela mãe saída da prisão. Ainda por cima, ela não tinha um tostão nem alojamento... Olha o que ela me deu como prenda..."

A porteira mergulhou a mão numa gaveta, tirou um bonito travessão redondo, colocou-o no cabelo, com uma graça de menina. E ao captar no meu olhar um reflexo de espanto, apressou-se a tirar o travessão e tagarelou mais rápido, para concluir o seu relato:

"Ela tem uma reforma de miséria, mas está disposta a dar o seu último kopeck. Até ao Sachka, o nosso cantor, mais tatuado do que um índio Papu... Pronto, e agora, vai-te! Já falei que chegue. Já te disse, ela não está e não sei quando volta. De qualquer forma, ela nunca fala de Lenine. Vá, rua!"

Levantou-se, subitamente de mau humor, deu-me leves pancadas nas costas para me dirigir à porta. Percebi que ela estava a precisar de um novo trago de álcool para voltar àquele nível de ebriedade que enche os corações de uma paixão transbordar.

Saí, ao mesmo tempo mais instruído e menos certo do que sabia. "A mulher que viu Lenine" metida na prisão! Esquecida pelos seus. A ajudar com os seus magros dinheiros um bêbado tatuado... tudo isto era demasiado afastado dos nossos manuais de história e do relato que nos tinha trazido o jovem saltimbanco conferencista.

Desamparado, passei um momento a andar pela rua deserta do povoado, passei pela casa do bêbado Sachka, fui até às primeiras árvores do bosque que descia em direcção a um grande vale coberto de pradarias que nenhuma foice havia ameaçado havia já muito tempo. Uma ceifeira-debulhadora escurecida de ferrugem dormia, com todos os pneus furados, rodeada daquela abundância de ervas e de flores. O silêncio parecia decantado pela espera da chuva. Até os pássaros se tinham calado. A minha própria presença angustiou-me, senti-me perdido em anos muito anteriores à minha vida. Decidi voltar para a estação, para junto das minhas cinco namoradas.

Ao passar perto da casa azul, tive uma ideia que instigou a minha curiosidade. "A mulher que viu Lenine" vivia no quarto 9. O quarto 1 encontrava-se logo após o cubículo da porteira. E como havia apenas uma janela por quarto, seria fácil encontrar a janela do quarto 9. Orgulhoso das minhas deduções, avancei ao longo do muro, como um ladrão, curvado para baixo, lançando olhares rápidos ao interior de cada divisão: quarto 1, 2, 3, 4...

Tinha a certeza de que no quarto 9, o último da fileira, eu veria um retrato de Lenine, talvez até fotos dele na companhia da senhora que procurávamos.

O meu coração batia muito depressa quando, lentamente, apontei o meu nariz para o postigo. Vi em primeiro lugar uma estreita mesa de trabalho, ou antes uma escrivaninha onde

estavam arrumados, numa ordem perfeita, alguns livros, uma caneta, uma resma de papel. Um dos volumes estava aberto, traços de lápis marcavam as páginas de uma leitura interrompida... De seguida vi uma cama, uma coberta esticada à militar. Um candeeiro, muito simples, de um modelo arcaico. E por fim, aquele retrato. Não era de Lenine. Um homem novo, com o uniforme de um cavaleiro do exército Vermelho, um casaco comprido e aquele chapéu, copiado de um elmo, a famosa *budenovka*...

A mulher não estava, a porteira não tinha mentido. Já sem me esconder, colei-me ao vidro, com a impressão de atravessar uma vitrina de museu onde se via a reconstituição de um modo de vida num passado recuado. Todo esse pequeno espaço estava repleto de livros e o resto dos muros cobertos de fotos. Paisagens de bairros cuja arquitectura se parecia muito pouco com a das nossas cidades russas. Retratos de grupo, numa tonalidade a puxar para o ocre, poses estáticas que traíam a antiguidade dos clichés...

E depois aquela foto: uma mulher jovem de longos cabelos escuros, uma mãe que tinha nos braços uma criança com o olhar curiosamente dirigido para o lado.

“Isso interessa-te?”

Sobressaltei, afastando-me bruscamente da janela e examinando aquela que acabava de me interpelar. Virei-me, de boca aberta, à procura de desculpas, justificações. Uma adolescente, pouco mais velha do que eu, observava-me atentamente sem receio nem animosidade; isso encorajou-se e deixou-me tempo para a observar: uma rica cabeleira escura, segura por um laço escarlata, grandes olhos pretos, o ar bastante adulto e que, misteriosamente, me pareceu familiar... Apressei-me a explicar a minha espionagem com razões nobres:

“É para as nossas aulas de história. Queria encontrar a mulher que viu Lenine...”

- Eu também, respondeu a rapariga. Aliás, não é a primeira vez que venho aqui. Mas ela nunca está em casa... O meu nome é Maïa.”

Apresentei-me, um pouco acanhadamente, sentindo que ela pertencia a um universo onde os contactos entre homens e mulheres, crianças e adultos, eram mais livres, facilitados por códigos de boa educação que os meus colegas desconheciam ou que consideravam até como marcas de fraqueza.

Afastámo-nos da casa azul, caminhámos lentamente, seguindo a única estrada do povoado. Sentia-me bastante desconfortável, com medo de deixar escapar um dos palavrões que compunham a nossa linguagem habitual, no orfanato, compreendendo também que uma ligação invisível acabava de se criar entre a rapariga e eu, e era necessário ser digno de tal

presente do destino. Aquela Mãia era de uma beleza resplandecente que se tornava, a cada minuto, mais mágica, quase desesperante, sugerindo sempre a semelhança secreta com um rosto que eu não conseguia encontrar na minha memória. Ainda por cima, a hora do comboio estava próxima e eu via-me já a aparecer com uma nova companheira perante as minhas cinco namoradas. As suas troças, os olhares impertinentes que os passageiros iriam lançar-me no meio do meu harém...

A voz de Mãia acalmou pouco a pouco os meus medos. Era uma voz mais grave do que as entoações que poderíamos esperar de uma adolescente de treze ou catorze anos. Mais melancólica também.

“Essa mulher que viu Lenine, chama-se Alexandra Guerdt. O irmão foi morto na Primeira Guerra mundial e desde aí ela tinha apenas um sonho: limpar a terra dos governantes que enviam os jovens para a morte, que esfaimam os seus povos, que pilham os fracos. Era um sonho de fraternidade planetária, de felicidade partilhada. Na época czarista, ela estava emigrada na Europa, e foi lá que ela conheceu Lenine. Ele tinha-lhe muita estima e confiava-lhe até certas missões clandestinas. Eles trocavam cartas especiais, um texto banal, mas entre as linhas, palavras traçadas com leite. Sim, leite! Era preciso segurar o papel em cima de uma chama e então as palavras apareciam... Depois da Revolução, ela trabalhava na sua equipa. Vivia com um homem, um antigo comandante de cavalaria no exército Vermelho. No fim dos anos trinta, foi acusado de traição e fuzilado. Como eles não eram casados, ela cumpriu apenas dois anos de prisão, deixaram-na sair porque a guerra contra Hitler acabava de estalar. Ela falava várias línguas e sobretudo o alemão, Estaline decidiu que ela podia ser útil... E de seguida, depois da guerra, ela foi condenada no momento da luta contra o cosmopolitismo...

- Como? com-so-politismo? Isso é o quê? Políticos comsomol?

- Não, é... enfim, havia pessoas que eram suspeitas de não gostarem suficientemente da sua pátria. E é então que o seu marido (ela tinha-o conhecido durante a guerra) a rejeitou, mas acima de tudo ele criou os seus filhos no desprezo pela mãe. Estava muito debilitada pelos campos de trabalhos forçados para empreender um combate. A partir daí, passou a viver sozinha. Muitos anos mais tarde, foi declarada inocente e até lhe devolveram o seu cartão do Partido, e os historiadores escreveram sobre ela. Então a sua família quis reestabelecer contacto. Mas ela sempre recusou...”

Chegámos ao sítio onde dormitava a velha ceifeira-debulhadora. O céu daquele dia de Junho tornara-se ainda mais cinzento e o vento passava nas árvores com uma sonoridade

triste de Outono. Era hora de voltar para a estação. Maïa calar-se, o olhar perdido nas brumas longínquas dos campos e, de vez em quando, sacudia suavemente a cabeça, como se exprimisse uma recusa, num devaneio onde já não havia lugar para mim. E eu que tinha tanta vontade de existir para ela! Tinha de tentar um estratagema e foi assim que, num tom alegre e lisonjeiro, declarei estalando a língua:

“Estou admirado! Tu conheces muito bem a história, deves ter lido muitos livros sobre isso...”

Ela acordou, sorriu-me vagamente e murmurou:

“Nem por isso. E aliás, sabes, nos livros, esta mulher que viu Lenine aparece com um pseudónimo de jovem revolucionária. O nome que eu te disse, o seu verdadeiro nome, Alexandra Guerdt, pouca gente o conhece.”

Calou-se novamente e eu senti nela a tensão violenta de uma corda. A sua voz ressoara com uma musicalidade próxima das lágrimas:

“Eu só conheço esse nome porque Alexandra Guerdt é... minha avó.”

Ela não desatou a chorar, mas respirava aos soluços ao mesmo tempo que tentava falar:

“Tenho primos que moram na vossa cidade. Mas a minha família mora em Moscovo. Menti aos meus pais, disse que queria passar uma semana em casa do meu tio e da minha tia. Tudo isto para poder vir aqui, a Pérévoz. Hoje, é o último dia. Amanhã, volto para Moscovo. Nunca consegui encontrar a minha avó. O meu pai diz que é uma velha louca. E esta aldeia, tu viste, que deserto! Perguntei cem vezes à porteira. Ela pôs-me a andar e, seja como for, ela está a mentir. Não sei onde é que poderá estar a minha avó. Ela está muito velha para viagens longas e também... Ela é mesmo muito pobre.”

Voltámos a subir a rua em direcção à estação. A janela do bêbado estava bem aberta, eu acelerei o passo para evitar à Maïa um jorro de palavrões ou uma estrofe indecente. Mas por detrás de uma sebe de framboesas que Sachka nos interpelou e a sua voz forte era, desta vez, colorida com uma estranha lassidão: “Va, despachem-se a ir para casa, nunca hão-de vê-la, a nossa querida Alexandra. Porque ela não quer nada com pessoas falsas como vocês. Assim que os curiosos aparecem, ela fecha a porta e foge para o vale. Ela sabe os horários. Todos esses chatos que querem vê-la chegam no comboio do meio-dia e partem no das dezasseis e vinte. Eu também os sei, os horários. Só sei isso. E agora ponham-se a mexer, deixem-nos em paz!”

E desapareceu com a mesma brusquidão da primeira vez.

Ficámos um momento embasbacados, um em frente ao outro, e depois, numa espécie de acordo mudo, começámos a correr para o vale.

Logo atrás da carcaça da ceifeira-debulhadora, a pradaria tornava-se mais inclinada. De cima, atrás das moitas, descobriam-se as margens de um curso de água e, no meio dos chorões, um carreiro mergulhado em ervas daninhas. Uma silhueta escura, muito longínqua ainda, avançava lentamente, ao longo do rio, em direcção à aldeia. Apesar da distância, reconheci o amplo carrapito de cabelos brancos, uma estatura direita, imponente. Numa fracção de segundo, toda a história que eu acabava de ouvir, aquele destino trágico que tinha atravessado o século, condensara-se numa presença humana.

“Vai, Maïa! Agora tens de ir ter com ela, não fiques aqui à espera. Vai!”

Murmurava apenas, mas ardente de emoção.

“Não, tenho medo, murmurou, não vou conseguir. Ela nunca me vai querer ver. Ela vai-me expulsar. Não posso!”

Vi os seus olhos incharem-se de lágrimas.

“Sim, tens de o fazer! Tens de ir ter com ela. Vai lá!”

Agarrei-a pelo braço, para levá-la. Ela resistiu.

“Bom, então faz o que quiseres. Não passas de uma pobre covarde! Uma putéfia moscovita! Eu, tenho o comboio. Não vou perder tempo com uma gaja da tua laia.”

Virando-lhe as costas, precipitei-me para aldeia.

Virei-me uma única vez, perto da ceifeira-debulhadora. Mais abaixo, no vale, vi Maïa lançada numa corrida louca, o seu laço tinha desaparecido, o cabelo solto batia-lhe nos ombros. E mais longe, rodeada de uma infinita vastidão verde e prateada, uma senhora idosa alta esperava, imóvel, no cimo do carreiro.

Com todo o meu ser, senti então que estava loucamente, desesperadamente, apaixonado. Não só de Maïa e dos seus caracóis negros que voavam ao vento enquanto corria; mas também das ervas que ondulavam à sua passagem e daquele céu cinzento, triste, e do ar que cheirava a chuva. Estava apaixonado até por aquele velho engenho agrícola de pneus furados, adivinhava-o absolutamente necessário à harmonia que acabava de se criar sob os meus olhos...

Cheguei cinco minutos depois da hora, mas o comboio vinha com atraso. Na estação, a multidão esperava, compacta, pronta a correr, com a esperança de encontrar um lugar sentado. Perto do pequeno edifício da gare, através do vai e vem dos passageiros, vi o bêbado Sachka sentado no chão. Era bem mais velho do que eu tinha pensado. Madeixas cinzentas colavam-se-lhe à testa. Ele cantava de olhos quase fechados. Não se viam as tatuagens porque ele tinha vestido um casaco que tinha na parte da frente algumas medalhas da última guerra...

Quando o comboio chegou, as pessoas avançaram em direcção aos rails, Sachka ficou só, lancei-lhe um olhar de despedida e, de súbito, vi que ele tinha os dois pés amputados. Em frente aos cotos estava um boné cheio de poeira. Um par de muletas em pé, apoiadas no muro da estação. Enquanto a multidão se atirava para as carruagens, ele entoava a estrofe que eu já tinha ouvido:

*Lá onde um mar de azul acaricia uma ilha de mármore,
Uma maga, em seu castelo dourado, espera por mim
E cada noite, deitada sob o leque de uma árvore,
Ela chora e chama por mim! Nunca lá irei...*

Durante o verão, tal como todos os anos, nós trabalhámos longe da cidade, em obras e em campos de kolkhozes. No fim do mês de Agosto, no dia do nosso regresso ao orfanato, um vigilante entregou-me uma carta que me esperava desde Junho. A única que recebi durante toda a minha infância. Um envio pessoalmente destinado a um aluno representava um evento marcante, excepcional até, e deve ter despertado uma certa curiosidade. O envelope tinha sido aberto e a missiva lida, sem dúvida. Não tinha aliás nada de secreto. Algumas novidades da capital, a história de um filme que Maïa acabara de ver com uma amiga... Ela tinha assinado com um simples «M» e escrevia apenas, em suma, para me desejar boas férias.

Estava infinitamente feliz e, ao mesmo tempo, terrivelmente decepcionado: palavras tão preciosas e tão neutras! E também uma curta frase estranha, em post-scriptum, aquele conselho que ela me dava para eu beber leite... Leite? Bem, não me vou esquecer de beber leite.

No dia seguinte, ao reler a carta pela centésima vez, fui atingido por uma iluminação: o leite! Que estúpido, como é que não percebi logo?

À noite, dispunha de tudo o que ia ser necessário: um pedaço de vela, fósforos, uma lupa. Escondi-me atrás de uma arrecadação, no pátio do orfanato, e assegurando-me de que nenhum importuno poderia perturbar as minhas actividades clandestinas, dediquei-me a uma obra de alquimista. A vela brilhou, a chama aqueceu e o papel começou a revelar lentamente aquela mensagem escondida. As palavras traçadas por uma pena mergulhada numa gota de leite fizeram aparecer os seus contornos ligeiramente amarelados, muito pouco visíveis mas mesmo assim decifráveis.

Maia escrevia: “Agora já sei por que razão Alexandra Guerdt não queria mais falar do seu passado. Durante a guerra civil, ela trabalhava no secretariado de Lenine. Um dia, ela leu um telegrama que ele acabava de ditar em casa de um comissário político. Numa cidade que resistia à autoridade dos Sovietes era necessário, dizia Lenine, matar 100 – 1000 pessoas, par servirem de exemplo. O número estava indicado desta maneira, por um simples hífen: sim, Lenine ordenava que executassem entre cem a mil homens, em represália, conforme o comissário entendesse... Alexandra ficou indignada: um traço de lápis riscava centenas de seres vivos. Riram-se dela. Ela bateu com a porta... Agora, ela pensa que este mundo fraternal com que ela sonhava foi também destruído por esse hífen... Espero voltar a ver-te um dia. Talvez numa ilha de mármore! E não te esqueças, a sério, de beber leite. Maia.”

Ao longo de toda a minha vida, ao lembrar-me de Alexandra Guerdt, não a conseguia imaginar infeliz. Muito pelo contrário, uma profunda alegria, calma e paciente, envolvia esses longínquos dias de verão, numa aldeia perdida onde ela continuava a existir para mim. A tal ponto que a própria expressão de felicidade nesta terra acabou por se incarnar num dia apagado de Junho, a vastidão pálida de um vasto vale de ervas altas e a corrida desvairada de uma rapariguinha em direcção a uma senhora idosa que começava a sorrir suavemente.

IV

Uma doutrina eternamente viva

O nosso erro fatal consiste em procurar paraísos perenes. Prazeres que não se consomem, afectos persistentes, carícias com a vitalidade de lianas: a árvore morre mas os seus entrançados continuam a verdejar. Esta obsessão pela duração faz-nos perder tantos paraísos fugazes, os únicos que podemos alcançar durante o nosso fulgurante trajecto de mortais. Os seus encantamentos surgem em lugares muitas vezes tão humildes e efémeros que recusamos demorar-nos neles. Preferimos construir os nossos sonhos com os blocos graníticos de décadas. Cremo-nos destinados a uma longevidade de estátuas.

O paraíso que me ensinou a não me tomar por uma estátua encontrava-se num sítio difícil de definir. Um espaço intermédio entre uma imensa zona industrial e um canto de uma velha aldeia que se extinguia sob o avanço de uma arquitetura ciclópica: enormes construções em cimento, cilindros de aço erguidos para o céu, grossos tubos intercalados, aquele sistema venoso que alimentava as máquinas e as cuvas das quais ouvíamos o zunzum e o fôlego atrás dos muros.

Depois das minhas aulas, naqueles dias ensolarados de Março, eu atravessava um subúrbio rodeado de caminhos-de-ferro, passava por baixo de um largo viaduto negro, ladeava os muros de uma fábrica e, seguindo os rails enferrujados que conduziam a um velho cais de embarque no Volga, chegava àquele lugar difícil de designar. Seis ou sete isbas, restos de pomares, um celeiro abandonado que evocava uma atividade agrícola de outrora. Um pouco mais perto do rio, um entreposto em ruínas, vestígio de um pequeno porto de pesca.

Eu dirigia-me para uma casa em que as duas janelas baixas que davam para a rua refletiam o cintilar da neve ao sol e lançavam-me um olhar cheio de uma sabedoria resignada. Uma rapariga, que tinha como eu uns 15 anos, esperava-me à porta; as visitas naquele recanto eram raras, ela via-me de longe. Eu adivinhava a frescura nevosa que aflorava o seu corpo sob o seu vestido de interior. A distância que nos separava – aquelas

últimas dezenas de metros – parecia-me simultaneamente infinita e inexistente.

Cumprimentávamo-nos com um simples aceno de cabeça, com um sorriso rápido, sem apertar a mão, sem dar beijos. Nada acontecia naquelas duas ou três horas que durava o nosso encontro. Nada do que se poderia supor, como ligação física, de acordo com as noções do mundo de hoje.

Falávamos de um romance em que um casal de jovens aventureiros descobria, numa das ilhas do Cabo-Verde, a entrada submersa da Atlântida. Ríamos-nos quando um livro do programa escolar nos parecia demasiado estúpido (um autor um pouco iluminado afirmava que um plano quinquenal conseguido em quatro anos ia acelerar o tempo em todo o universo). Ficávamos muito tempo em silêncio, sobretudo eu, sem sentir o menor incómodo. As palavras eram supérfluas porque havia aquele deslize luminoso que transformava lentamente a tarde resplandecente de Março, no momento da minha chegada, numa queda da noite violeta que indicava a hora em que eu devia partir. Havia a tranquilidade daquela casinha de duas divisões, o seu extremo asseio, o movimento sonolento de um velho pêndulo. Uma calma perfeitamente indiferente à presença bem próxima da monstruosa fábrica, à estrada que propulsava fornadas de enormes camiões, a toda aquela vida brutal, activa, atroadora que ameaçava o pequeno lugarejo no fundo do seu silêncio coberto de neve. Havia a felicidade de ficarmos juntos, com a certeza de viver, a cada instante, o essencial do que podia ser vivido nesta terra.

De cada vez que chegava da cidade, eu via, erigidas no telhado da fábrica, enormes letras vermelhas, caracteres escorridos no cimento, com provavelmente três metros de altura cada um e que desenrolavam uma longa frase dando a medida das dimensões do edifício: “Viva o marxismo-leninismo, doutrina eternamente viva, criadora e revolucionária!” O fim da frase perdia-se no fumo que estagnava por cima daquela paisagem industrial, mas os muros prolongavam-se bem para lá do slogan, até à extensão brumosa dos descampados e à franja cinzenta da floresta...

Aquela doutrina, ensinada na escola, arrebatava-me. Ela exprimia o que antes eu podia apenas imaginar num sonho: uma cidade branca inundada de sol, homens fraternais, definitivamente libertados de todo o ódio, unidos por um projecto grandioso que os levava em direcção a um futuro radioso. E também aquela imagem que imprudentemente havia esboçado a nossa professora de história – lojas prestes a ruir de

abundância, de onde os habitantes do futuro levariam apenas o estritamente necessário... Estas fantasias de criança iluminavam-se doravante com o esplendor dos textos estudados na aula, daquele *Manifesto comunista*, entre outros, que nos fazia entrever um mundo inédito em que a rivalidade animal entre os homens, a violência da exploração, a avidez carnívora dos capitalistas, todas essas malformações congênitas das tribos humanas seriam banidas. Todos os dias, torrentes de palavras, nos jornais ou na rádio, tentavam convencer-nos que esse futuro prometido encontrava-se no final de um novo plano quinquenal. Todos os dias, a realidade desmentia essas promessas. As pessoas acabavam por deixar de reparar nas letras com altura de três metros no telhado da fábrica.

Quanto a mim, que queria tanto acreditar nesse mundo fraterno, eu sabia que ao atravessar os bairros suburbanos da nossa cidade, de noite, era melhor ter no bolso um canivete.

Desde o primeiro passo na rua do lugarejo, eu esquecia essas contradições. De longe, no limiar da porta da casa mais próxima do rio, eu via o vestido claro da minha amiga e o tempo, mudando de sentido, tornava-se estranho à vida que eu acabava de deixar. A rua ladeada por montões azuis de neve desprendia-se do real, metia-se numa das fileiras silenciosas das cidades sonhadas que abandonávamos, acordando-nos, com uma alegria incrédula. Do rio chegava um sussurro sonoro dos gelos que começavam a derreter. No ar planava, inebriante, o aroma frio das águas que se libertavam, ainda invisíveis, sob a neve. O sol ofuscava-me e, no início, não conseguia fixar aquele rosto amado que me sorria, eu piscava os olhos, adivinhando inconscientemente que não se tratava apenas do sol mas da incapacidade do olhar humano de captar, para além da harmonia dos traços, aquela beleza inacessível que se criava e recriava a cada instante...

Entrávamos, a minha amiga preparava um chá, as palavras surgiam ou não, o silêncio da casa era-nos suficiente. Por vezes, ouvíamos, mas com uma sonoridade quase inaudível, um fragmento das *Estações* de Tchaikovsky. Era sempre o mesmo, “O mês de Junho”, que a minha amiga encontrava com uma precisão de prestidigitadora num grande disco cansado. Nunca aumentávamos o som, a melodia tinha de ser apenas um simples eco, assim ela parecia mais secretamente inacessível à vida que continuava longe, com o seu estrondo, a sua velocidade inútil, a sua surdez.

A luz pintava as horas, o dourado transformava-se em âmbar e depois empalidecia.

Por vezes evocávamos o nosso primeiro encontro, um tema de divertimento inesgotável. Um mês antes, havíamos participado, sem ainda nos conhecermos, nos jogos paramilitares onde várias escolas da cidade formavam dois exércitos que se defrontavam. Assaltos contra fortificações construídas com blocos de gelo, lançamento de granadas de exercício, corridas-perseguições num parque. A tensão bélica era mais do que lúdica: lutávamos com ferocidade para, durante o tempo de um jogo, chegarmos perto da galeria dos heroísmos patrióticos. O exército de que fazia parte o nosso orfanato usava braçadeiras verdes, os nossos inimigos, braçadeiras amarelas... O dia começava a declinar quando interceptei uma mancha amarela que fugia para o matagal. Capturar um prisioneiro vivo era considerado uma proeza tão gloriosa como a de o crivar de balas imaginárias gritando: “Morreste, deita-te!” Apanhei o fugitivo numa clareira, fi-lo cair empurrando-o violentamente nas costas, aponte a minha arma de plástico para a sua nuca. O inimigo virou-se... Era uma rapariga. Hesitei, e depois ajudei-a a levantar-se. Ficámos um momento sem saber se era preciso assumir de novo os nossos papéis ou...

O rumor da batalha vinha agora de muito longe, quase apagado pela calma das grandes árvores adormecidas sob a neve. A paixão belicosa que nos animava um minuto antes dissipara-se no ar apagado de um crepúsculo de inverno, no silêncio que sondava as nossas duas respirações ofegantes.

“Eles deviam ter vindo até aqui...”, murmurou a rapariga, dando-me a entender que tivéramos o mesmo pensamento: a possibilidade tão real de interromper aquele treino para a violência, aquele jogo infantil e cruel, e de captar a proximidade de todo um outro modo de existência, de todo um outro mundo...

O rosto da minha prisioneira era de uma beleza simples, um pouco austera, ou ainda recusando qualquer charme fácil, uma dessas harmonias de traços que impõem, desde o primeiro olhar, um respeito do mistério soberano da pessoa.

“O meu nome é Vika”, disse ela, e eu, intimidado pela viragem que tivera o nosso encontro, apresentei-me de maneira muito militar: o meu apelido primeiro, depois o meu nome, como fazíamos no orfanato, no momento da chamada.

“Às suas ordens, meu comandante!” replicou ela a sorrir, e avançámos, sem pressa, em direcção aos gritos de alegria que anunciavam a vitória de um campo militar.

Saber quem era o vencedor, nessa noite, tinha-se tornado para nós indiferente... Interiormente, eu pronunciava aquele nome, Vika, como a primeira sílaba de uma língua desconhecida.

Hoje, com um pequeno trejeito de desprezo, qualificariam as nossas relações de “relações platônicas”. O termo parece apropriado: nenhuma ligação carnal se criara entre nós durante aquele tempo, muito breve, da nossa amizade. No entanto, o termo é também totalmente falso porque em nenhum momento da minha presença na casinha do antigo porto esse “problema” nos preocupou. Justamente, nunca foi um problema. Estávamos longe de sermos particularmente recatados. No orfanato, na promiscuidade dos dois sexos e de várias idades, eu não ignorava muita coisa da grandeza e das misérias do corpo humano. A minha prisioneira devia saber provavelmente tanto como eu. A sociedade soviética daquela época, sob uma pudicícia oficial, era bastante descomplexada. Porém, sem nos impormos qualquer voto de castidade, nós exprimíamos o nosso amor de outra forma.

O facto de estarmos apaixonados parecia-nos indiscutível. Porém, em vez de provocar um estado de excitação febril, ele tornava-nos quase impassíveis. Tornávamo-nos lentos, hipnotizados pela novidade e pela força daquilo que nos acontecia. Eu podia passar horas numa felicidade perfeita que apenas precisava dos raros movimentos do seu vestido claro através da divisão acobreada sob o sol de Março. Ver uma trança ligeiramente encaracolada que cintilava de cada cabelo, sob um raio de luz, era suficiente para eu me sentir feliz. E quando os olhos dela, de um reflexo verde e azul, se pousavam em mim, eu tinha a impressão de começar a existir numa identidade por fim verdadeiramente minha.

Naquela idade, a vida parecia infinita; eu teria facilmente dado metade do que me restava viver para ter a certeza, exprimida por uma palavra doce, de ser amado. Sem dúvida essa palavra teria rompido a própria essência da beatitude hipnótica em que estávamos os dois mergulhados. As palavras teriam vindo, aliás, se a nossa ligação se tivesse prolongado... À falta de confissão, eu permanecia na minha admiração muda, captando os sinais traçados pelo movimento de uma mão, o batimento das pestanas, a profundidade de uma inspiração que saboreava a frescura das neves, quando, à noite, a minha amiga saía para o pequeno patamar da casa para me dizer adeus e acompanhar-me com o olhar até ao virar da esquina. Esses sinais eram mudos, mas ao observar as estrelas não ouvimos distintamente o seu famoso frufu?

E depois, houve uma confissão bem mais inesperada do que as palavras cuja ternura eu esperava e temia ao mesmo tempo.

Nesse dia, a engrenagem dos pequenos desgostos da existência parecia fazer de tudo para desmentir o slogan que eu lia no telhado da fábrica ao ir para o lugarejo; sim, aquela “doutrina eternamente viva, criadora e revolucionária”. Eu tinha um lábio inchado, resultado de uma disputa breve e violenta como eram sempre as nossas rixas no orfanato: um brusco momento de ódio, os punhos esfolados pelo vai-e-vem dos golpes, a convicção de poder matar... De seguida, foi um autocarro, completamente cheio de corpos esmagados uns contra os outros, pessoas que voltavam para os seus subúrbios, trabalhadores desgastados, rabugentos, prontos para se insultarem, a desfazerem-se à mais pequena sacudidela daquela latoaria rolante. “A fraternidade... O futuro radioso...” dizia eu para mim com amargura. E ao lado da paragem onde descí quatro bêbados a lutar, trocando golpes desajeitados, moles, pontapeando aquele que caía, caindo ao lado dele...

O sol iluminava intensamente sobre o telhado da fábrica a monumental mensagem da “doutrina eternamente viva”. Uma voz gritava e chorava dentro de mim.

Virei na direcção do lugarejo e, de longe, vi o toque leve de um vestido que iluminava a luminescência azul da neve. Uma fronteira invisível, feita daquele brilho e do aroma gelado do rio, separava-me do mundo anterior. Apenas o gosto do sangue na boca me lembrava de onde eu vinha.

Muitas vezes íamos passear entre as velhas isbas da aldeia, descíamos em direcção ao cais de embarque, para a margem. Fizemo-lo nesse dia, adivinhando que uma tensão inabitual se instalava na calma sonhadora do nosso encontro...

O ar tépido de Março tinha bordado em filigrana os gelos que derretiam, uma renda de rosáceas que eu arrancava e que se partiam entre os dedos no momento exacto em que a minha amiga captava a sua beleza constelada. Atravessámos uma encosta de neve virgem, pontuada só por pegadas de pássaros. Enterrados até ao joelho, sentíamos os pequenos pedaços de gelo a enfiarem-se nos sapatos.

Tal como uma jangada abandonada, o velho cais de embarque repousava, no meio do gelo. Cabos enferrujados amarravam-no aos toros das vigas de aço cravados na margem. Subimos para esses destroços e, com uma alegria incrédula, tocámos a superfície das suas tábuas: estavam já secas e quentes de terem estado expostas o dia todo ao sol. Sob um anteparo de madeira, meio vergado, um banco esperava as sombras de antigos viajantes. Sentámo-nos face à imensidão branca do rio ainda adormecido e, com o olhar perdido ao longe,

reencontrámos, pouco a pouco, a lenta palpitação da felicidade que ritmava sempre os nossos encontros.

Nesse dia, uma tal serenidade parecia já não ser suficiente. A amargura que eu tinha acumulado, logo desde a manhã, fez-me desejar uma mudança ampla, radical, uma revolução que apagaria o ódio da face da terra e de todos aqueles rostos distorcidos que eu tinha cruzado ao vir para o lugarejo: homens e mulheres a esmagarem-se no autocarro e, antes disso, no orfanato, aquele sujeito que me tinha batido na cara, a sua gargalhada de alegria ao ver o meu sangue. Mas também a escura massa de operários que a fábrica engolia todos os dias e rejeitava à noite, num magma de corpos estafados, de olhares apagados. Era necessário acelerar o curso da História em direcção a um futuro prometido, em direcção àquela cidade ideal em que os homens se tornaravam finalmente dignos do seu nome.

Pela primeira vez, falei disso à minha amiga. Até me levantei do banco, gesticulava, entusiasmando-me cada vez mais tanto o sonho me parecia, em palavras, próximo e realizável. Sim, uma sociedade fraterna, um modo de vida que excluía o ódio e a avidez, um projecto que federava todas as boas vontades, encadeadas neste momento na pequenez do individualismo. Penso ter evocado também o desaparecimento do Estado que perde toda a sua utilidade porque os homens formariam uma única comunidade em que a polícia, o exército, as prisões seriam supérfluos. Eu sabia que Lenine prometia isso na sua visão do futuro... É isso, uma comunidade de homens destinados a serem felizes.

“E agora, não és feliz?” perguntou de súbito Vika.

A pergunta desarmou-me.

“Ah... Sou... Mas não estava a falar de mim. Eu queria dizer que... no geral, esta sociedade nova vai permitir aos outros viverem também na alegria...

- Não percebo. Todas essas pessoas que tu queres tornar felizes no futuro, o que é que as impede de o serem agora? De não odiarem os outros, de não serem ávidas, como tu dizes. Pelo menos, de evitarem de bater na cara ao seu próximo...

- É que... sabes... acho que eles não sabem ainda qual é o verdadeiro caminho. É preciso explicar-lhes. É preciso propor um projecto, uma teoria... Sim, uma doutrina!

- Uma doutrina? Para quê? Nós somos felizes aqui, admite. Somos felizes porque o ar cheira a neve e a primavera, porque o sol aqueceu as tábuas, porque... Sim, porque estamos juntos. Será que os outros precisam de uma doutrina para vir a esta margem, observar as planícies brancas para lá do Volga, ver aquele pássaro voar de um ramo para outro nos chorões?”

Eu teria preferido ouvir uma argumentação política ou moral, uma contestação teórica. Mas as palavras de Vika

exprimiam uma verdade visível e concreta, difícil de refutar. Aquele céu, aquela neve, o correr sonoro das águas na espessura do gelo... Eu reforçava a veemência do nosso desacordo para dissimular a minha confusão: “Ah, se tudo fosse assim tão simples! É claro que eles podiam vir aqui, contemplar o rio, respirar o ar fresco. Mas eles têm de trabalhar! Estás a esquecer-te de que se trata da classe operária...”

Ela não respondeu logo, ficou um momento imóvel, os olhos a pestanejar suavemente sob a abundância do sol. Depois, com uma voz seca, impessoal, perguntou-me:

“Tu sabes o que essa classe operária produz nas oficinas da fábrica?”

- Não sei... adubos talvez, ou até artigos em cerâmica...

- Sim, adubos... Muito explosivos. A fábrica fornece produtos químicos a outras empresas que fazem deles componentes das granadas e das bombas. Não digas a ninguém, senão vais ter chatices...”

Ela calou-se e depois acrescentou com uma voz novamente calma:

“O futuro de que falas é muito bonito mas demasiado complexo. É como se, para admirar este rio, as pessoas fossem obrigadas a construir bancadas em betão armado. Para quê? Este velho cais de embarque é-nos suficiente. O que se deveria explicar aos outros é que a única doutrina verdadeira é muito simples. Ela deve-se ao facto de... de nos amarmos.”

Voltámos para casa mais lentamente e mais tarde do que habitualmente. Cada passo, cada olhar, tinha doravante, para mim, um novo sentido, o reflexo de um mundo transfigurado por aquele “facto de nos amarmos”.

Ao deixar o lugarejo, já me tinha acontecido, duas ou três vezes, cruzar-me com a mãe da minha amiga, uma mulher magra de pequena estatura, de rosto cavado pelo cansaço. Chamava-se Elsa. Nós trocávamos algumas palavras, ela convidava-me a vir a um sábado ou domingo para comermos juntos... Numa das divisões da casa, eu tinha visto o retrato do pai da Vika. Ele estava, segundo o que ela me dissera um dia, “ausente por razões profissionais”. Não tentei saber mais: no orfanato, todos os meus colegas tinham pais que estavam a terminar uma circum-navegação ou então eram pilotos caídos num combate desigual contra os inúmeros inimigos do nosso país. Pôr isso em causa teria sido cruel, acreditar permitia não perder toda a esperança. O respeito destas mentiras leves era, para todos nós, um pacto inviolável.

A um dado momento, tive a impressão de que a mãe da minha amiga voltava para casa cada vez mais cedo. A ideia de que ela podia querer vigiar-nos não me veio sequer à cabeça, tanto a confiança que nos ligava era natural. A mudança dos seus horários explicava-se muito banalmente; estávamos em Março, os dias alongavam-se muito rápido e, como eu ia embora ao pôr-do-sol, essa hora alterava-se.

Um dia à noite, ao sair do lugarejo, vi a silhueta de Elsa que ladeava o muro da fábrica. Pareceu-me que ela estava a acenar para me cumprimentar ou até para me dizer para a seguir. No crepúsculo, não se via bem e estive quase para ir embora sem dar conta do seu gesto. Porém, uma curiosidade inquieta levou-me na sua direcção.

Compreendi que Elsa não me tinha visto, o seu apelo era apenas o movimento com o qual ela havia ajustado um saco de pano ao ombro. Como levado por um sonho, continuei a ladear aquele muro interminável... Já estava um pouco escuro quando a mulher que eu seguia desapareceu. Ao fim de um minuto, cheguei ao ângulo da cerca, virei e, involuntariamente, recuei alguns passos...

Era um combate simultaneamente desajeitado e feroz. Um ajuntamento de mulheres comprimia-se contra um corredor em contraplacado, uma passagem coberta que ligava uma das saídas da fábrica à plataforma de uma via-férrea. Aquele longo corredor vibrava sob o pontapear de uma multidão invisível que abandonava o edifício e se embrenhava nos vagões de mercadorias amarrados a uma pequena locomotiva. As mulheres empurravam-se umas às outras, acotovelavam-se, enfiavam-se em direcção ao contraplacado para se colocarem face a uma abertura com cerca de cinquenta centímetros de largura e que as deixava avistar os rostos dos homens que atravessavam a passagem. A violência da luta era maquinal, sem consciência dos golpes que se davam ou recebiam. O ar parecia picado de gritos entravados pelo medo mas que, devido a essa retenção, ressoavam ainda com mais obstinação. Eram sobretudo os nomes masculinos que, pela estreita abertura, voavam para a coluna em andamento. "Serguéi" Sacha! Kolia!" De vez em quando, um rosto magro mostrava-se, um marido conseguia parar por alguns segundos em frente ao buraco. Se a sua esposa o reconhecesse, ela tentava entregar-lhe um pacote que ele apanhava antes de se fundir na torrente humana. Por vezes o pacote rasgava-se, víamos cair, na neve suja, um pedaço de pão, saquetas de chá... Alguns nomes faziam aparecer aquele que ninguém esperava, as mulheres olhavam-no com desprezo, pondo-se então a gritar também um nome de família. Elsa conseguiu chegar até à abertura, berrou um nome, com uma voz desesperada que me gelou, e estendeu o seu saco de tecido a uma mão que

atravessava o buraco. Um abanão rijo rejeitou a mão e o buraco foi tapado por um casaco de uniforme. O saco caiu, Elsa inclinou-se para apanhá-lo. Do lado da via-férrea, víamos chegar dois guardas armados...

Corri ladeando o muro, com um sentimento muito real de já não existir, de já não ser capaz de formular o mínimo pensamento. Estava vazio, privado de tudo o que eu pensava saber, tudo o que eu esperava, sonhava... De volta ao orfanato, tive o sentimento de que os meus colegas falavam numa língua estrangeira, ou antes uma língua em que eu conhecia as palavras mas já não compreendia o significado.

No dia seguinte, devia participar num novo jogo paramilitar, aliás a final das mesmas competições durante as quais eu tinha capturado Vika. Participei ausente, deixando-me levar nos assaltos, escalando as fortificações de gelo como no limite do adormecimento. Nem o corpo a corpo decisivo que opunha os dois exércitos me conseguiu tirar do meu embrutecimento. Acabei por me encontrar face a um adolescente que, posicionado numa saliência da fortaleza, lutava alegremente, um trejeito intratável nos lábios. Ele reparou imediatamente que eu estava num estado pouco combatível. O seu esgar encheu-se de desprezo e empurrou-me com uma brutalidade excessiva, com o desejo manifesto de me derrubar. Caí, agarrando uma série de troncos de árvore, batendo contra um bloco de gelo. Quando acordei, com o nariz em sangue, dei por mim sentado no meio da multidão, com o pé esquerdo estranhamente torcido. Acima do tornozelo, sob o tecido das minhas calças, eu distinguia uma bola curiosamente saliente. Ergui a cabeça, vi o rosto contente do vencedor, o estranho prazer de ter magoado. A dor já despertava quando, num eco apagado, me surgiu este pensamento numa língua incompreensível aos outros: “A única verdadeira doutrina... o facto de nos amarmos...”

A fractura da minha perna atrasou até meados de Maio o meu regresso ao lugarejo. Ao voltar lá, pensei primeiro que me tinha enganado na paragem: em vez da pequena rua que levava ao rio, um vasto terreno remexido por bulldozers estendia-se ao longo da margem. Não, não me tinha enganado porque a fábrica ainda lá estava, o seu muro interminável, as letras vermelhas no telhado, “uma doutrina eternamente viva, criadora e revolucionária”...

Do lugarejo, restava apenas uma única casa, aquela onde morava uma senhora idosa que víamos por vezes a ir buscar água

ao poço. As outras casas tinham deixado apenas destroços dos toros em que assentavam. Os bulldozers estavam a transportar os vestígios para a margem do terreno. O barulho dos motores, o cheiro acre das suas evacuações e sobretudo aquele sol radioso, impiedoso, tudo aquilo anunciava a vitória da vida que ia avante, que prometia uma nova felicidade, uma actividade triunfante.

As águas tinham subido e o cais de embarque flutuava a alguns metros da margem, tal como uma ilha separada daquela nova vida.

A outra ilhota – aquela última casa onde fui depois de as obras terem parado, ao fim do dia, o seu barulho e de os trabalhadores terem ido embora. A velha que lá morava não ouviu as minhas perguntas. Ela compreendeu logo o objectivo da minha vinda. O seu relato apenas trouxe aliás um pouco de clareza aquilo que eu próprio podia adivinhar.

Ocorrera um acidente na fábrica um mês antes. Várias oficinas haviam sido sopradas por uma explosão, tornando-se numa campa colectiva para os prisioneiros que eram trazidos de um campo vizinho para trabalhar aqui. Ninguém sabia o número exacto de vítimas, mas o pai da minha amiga era provavelmente um deles. Ou então foram as obras na margem que tinham precipitado a partida de Elsa e da filha. No ano anterior, elas tinham vindo viver para aquele lugarejo para se aproximarem da fábrica onde se podia cruzar, durante alguns segundos, o olhar dos prisioneiros que atravessavam o corredor entre as oficinas e os vagões... Estando o lugarejo arrasado, era preciso mudar de casa. Por conseguinte, depois da explosão, talvez o pai de Vika tivesse sido simplesmente enviado para outro local de trabalho. A senhora idosa evocou esta possibilidade, querendo deixar uma pequena oportunidade à esperança.

Atordoado, não tive a lucidez de lhe perguntar o que ela própria ia fazer, no meio daquele caos de terra revirada. Fui embora agradecendo-lhe vagamente, como teria feito um vizinho, certo de a voltar a ver no dia seguinte... Muitos anos mais tarde, aquela senhora idosa que eu deixara sozinha no pequeno patamar da sua casa ameaçada viria a tornar-se num dos remorsos fiéis que voltam, ao longo da nossa vida, sem obter perdão.

Foram também precisos muitos anos para eu saber discernir, atrás de uma breve história de ternura adolescente, a felicidade luminosa que a minha amiga e a mãe, Elsa, me tinham tão discretamente transmitido. Lembrava-me é claro da sua hospitalidade, da doçura com a qual tinham envolvido aquele jovem selvagem que eu era, um ser endurecido pela rudeza e pela

violência. Com a idade, compreendi cada vez melhor que a paz que elas conseguiam fazer reinar num lugar tão devastado, sim, aquela serenidade indiferente à fealdade e à grosseria do mundo, era uma forma de resistência, talvez até mais eficaz do que os murmúrios contestatários que eu ia ouvir nos meios intelectuais de Leninegrado ou de Moscovo. A revolta daquelas mulheres era pouco espectacular: a pequena casa vetusta que mantinham numa perfeita limpeza, a serenidade sempre igual de Vika que nunca tinha traído a sua dor, as *Estações* de Tchaikovsky, o silêncio e o sorriso de Elsa, ainda completamente abalada pela sua ronda entre as mulheres que lutavam para encontrar os olhos do marido ou do filho.

Tive de esperar ainda mais para compreender verdadeiramente que oferenda humilde e preciosa era aquela que eu tinha recebido delas. O país da nossa juventude afundou-se levando no seu naufrágio tantos destinos que permaneceram anónimos. Aquela jovem voltando a encontrar num disco a melodia de que nós gostávamos, a sua mãe a empurrar um saco de tecido entre as mãos de um prisioneiro, eu próprio a coxear na lama com a minha perna partida... E uma miríade de outras existências, dores, esperanças, lutos, promessas. E aquele sonho de uma cidade ideal, povoada de homens e de mulheres que já não mais conheceriam o ódio. E aquela “doutrina eternamente viva, criadora e revolucionária”, levada também ela pelo frenesim do tempo.

Restam apenas, agora, a luz de Março, o sopro inebriante das neves sob os raios ofuscantes, a madeira de um velho cais de embarque, aquelas tábuas aquecidas por um longo dia de sol. Resta o toque claro do seu vestido, no patamar de uma casinha de madeira. E o gesto de uma mão que me diz adeus. Caminho, afasto-me, volto-me a cada cinco passos e aquela mão permanece visível no crepúsculo da primavera, violeta e luminoso.

Resta esse paraíso fugaz cuja eternidade não precisa de doutrinas.

II

Comentários às opções tradutivas

1. Problemas de ordem pragmática

Para além do título da obra, o excerto traduzido apresenta quatro subtítulos que correspondem às quatro primeiras partes. Embora não haja qualquer obstáculo a uma tradução directa, há algumas questões pertinentes que devem ser abordadas.

Em primeiro lugar, importa referir que, para a tradução, é importante ter sempre em linha de conta a função dos títulos. Assim sendo, o efeito que produzem no texto de partida deve ser sempre preservado. Sendo as línguas francesa e portuguesa muito próximas, tanto ao nível de estrutura frásica como ao nível da morfologia, há vários casos em que é perfeitamente adequado optar por uma tradução directa. Isto verifica-se na tradução do título da obra, em que é possível verter, palavra a palavra, o título para português: “O livro dos breves amores eternos”.

O título da primeira parte do romance, “L’infime minorité” (TP:11), constitui uma expressão que é proferida por uma personagem central ao longo de toda a narrativa. Esta pequena expressão tem um forte significado - sendo este automaticamente realçado ao constituir o subtítulo desta primeira parte. Por esta razão, é essencial que se mantenha este paralelismo. Ao optar por alterar este título, em alternativa a uma tradução directa, o tradutor acabaria por perder o destaque dado à expressão no texto de partida.

2. Problemas do texto de partida

Em todo o excerto trabalhado, estão presentes elementos que só aparentemente são “insignificantes” pois que desempenham um papel profético na obra, e por esta razão é primordial que lhes seja dada uma especial atenção na construção da coerência do texto.

A tradução de “robe d’intérieur” (TP:82) poderá levantar alguma dificuldade para o tradutor, dado que este tipo de vestuário não é facilmente reconhecido por um leitor português. Não estando o leitor português familiarizado com nenhum tipo de vestido que seja destinado a um uso doméstico, o tradutor poderá sentir-se inclinado a optar por uma alternativa. Numa tentativa de encontrar algo com o qual um leitor português esteja mais familiarizado, o tradutor estará talvez mais inclinado a substituir “vestido” por outra palavra. No entanto, surge novamente uma referência a este “vestido” no final do capítulo, o que significa que, independentemente da opção do tradutor, terá de ser mantida a relação entre estes dois pontos, tendo certamente de ser mantida a repetição do termo escolhido. Por esta razão, foi mantido o termo “vestido”, apesar de se perder a indicação de que se trata de um vestido de uso doméstico, que poderia sugerir uma maior intimidade entre ambas as personagens. Apesar de tudo, com o termo “vestido” permanece a ideia da feminilidade e beleza de Vika.

É, pois, necessário que o tradutor se mantenha sempre alerta durante a tradução do texto. Havendo uma repetição de uma palavra ou expressão no texto, será certamente com a intenção de estabelecer uma relação entre dois ou mais elementos e por isso será extremamente importante manter o mesmo termo para que se consigam criar, no texto de chegada, as ligações presentes no texto de partida.

3. Problemas do par de línguas

- **A pontuação:** Ao longo de todo o excerto, surgiram algumas enumerações que, num primeiro momento do processo tradutivo, pareciam suscitar uma pequena alteração, a saber, a substituição da última vírgula pela conjunção “e”. No entanto, após uma análise mais cuidada e múltiplas leituras do texto, verificou-se que estas enumerações assindéticas têm uma especificidade muito própria, comportando um significado específico. Na seguinte frase: “No momento do nosso encontro, com *quarenta e quatro anos, calvo, desdentado, minado por um cancro*, ele tinha o aspecto de um octogenário em sofrimento.” (TCh:26), a enumeração das características de Ress é assindética, dando assim a ideia de que, de entre inúmeras outras características, apenas estas são referidas, realçando cada uma delas e não apenas enumerando. Por outro lado, podemos ainda acrescentar que esta forma de enumeração assim proferida aproxima-se ligeiramente do tom coloquial,

acrescentando verossimilhança à voz do narrador. O mesmo acontece com a frase “*Desenhos, panfletos* caíam já no golpe de uma qualificação mais pesada: a propaganda anti-soviética.” (Tch: 28) Com efeito, se a conjunção “e” fosse acrescentada, a enumeração ficaria restringida apenas a estes dois elementos: desenhos, panfletos e nada mais. Ao manter-se o uso das vírgulas, estaremos assim a respeitar o sentido desta enumeração, que parece sugerir que os desenhos e os panfletos são apenas um exemplo no meio de muitos.

Surgiu também a necessidade, em alguns casos, de reforçar uma pausa, substituindo uma vírgula por um ponto final ou por um ponto e vírgula. Veja-se a seguinte frase: “Nada mais; Ress orgulhava-se de não evocar os seus sofrimentos.” (Tch:28) O ponto e vírgula, reforçando a pausa que no texto original corresponde a uma vírgula, dá uma maior ênfase às palavras “Nada mais”, aumentando assim o seu impacto, mas sobretudo parecendo mais natural na língua de chegada.

Os diferentes registos que podemos encontrar nos diálogos presentes na obra exigem uma grande atenção por parte do tradutor. Os diálogos encontrados no texto colocam em cena diversas classes sociais, idades e contextos comunicativos. Desde a rudeza e indiferença dos jovens do orfanato, passando pela linguagem imprevisível de um bêbado, até ao diálogo entre duas senhoras idosas que trabalham o solo. Tudo isto exige uma grande sensibilidade literária para detectar com precisão a conotação de cada palavra utilizada e o próprio tom de um determinado locutor. O tradutor terá de ter em conta todas estas características para que o resultado final corresponda às suas próprias expectativas, assim como às de um possível leitor ou editor.

Posto isto, há uma série de questões que devem ser levantadas de forma a clarificar certas opções tradutivas. Na segunda parte da obra há um breve diálogo entre duas varredoras já idosas. Na tradução do segmento “*Elle se remettra plus vite*” (TP: 45) houve a preocupação de criar uma fala que se pudesse aplicar a um modo de falar mais próximo daquele que existe num contexto português. Optou-se assim por “Ela vai-se conformar” (Tch:42) em vez da formula correcta “Ela vai conformar-se” devido ao facto de parecer mais natural, dadas as características da personagem em questão. Supondo que a senhora idosa terá provavelmente um baixo nível de escolaridade – tendo em conta o seu ofício de jardineira – este tipo de construção é o mais adequado

dado que é aquele que é utilizado por falantes menos instruídos num contexto português.

- **A tradução de algumas palavras:** De acordo com o portal lexical CNRTL, “porchaison” (TP: 14) refere-se ao período em que o javali está mais gordo e por isso na melhor altura para ser comido. Não havendo um termo equivalente na língua portuguesa, o termo “porcaria” surge como uma das opções possíveis. Embora o significado do termo “porcaria” se afaste do sentido do original “porchaison”, esta estratégia funciona no texto de chegada dado que o termo utilizado tem uma forte conotação depreciativa, podendo funcionar para transmitir a ideia da denúncia de um sistema político sujo e corrupto, estabelecendo assim uma associação entre as características negativas que são atribuídas aos porcos: a avidez, a falta de higiene e a preguiça.

Embora “crianças” seja uma das traduções possíveis para “enfants” (TP:18), é “filhos” a opção que mais se adequa dado que, mais adiante na obra, existe a referência às crianças que não se integravam todas na mesma divisão, sendo os órfãos posicionados no último lugar da divisão hierárquica durante o desfile. Assim sendo, fará sentido então optar por “filhos” dado que nessa mesma divisão são admitidos apenas os filhos e esposas daqueles que se apresentam nas bancadas, com uma posição social elevada.

De acordo com o portal lexical CNRTL, “maton” (TP:17) corresponde, em *argot*, a um guarda de prisão. Ao traduzir “matons” por “guardas” há uma pequena adulteração do discurso da personagem. O uso do termo em *argot* pode remeter para um certo desprezo por parte da personagem relativamente aos guardas dado que a personagem se opõe às figuras de autoridade do regime e ainda devido aos anos miseráveis da sua vida passados em diversas prisões e campos de trabalho forçado. A convivência com outros presos teve certamente uma grande influência na sua linguagem e por isso este termo acaba por ter uma certa carga de significado que se perderia no texto de chegada. Ao optarmos pela palavra “bófiás”, numa tentativa de nos aproximarmos do registo utilizado no texto original, estaremos a preservar o registo, mantendo parte da carga de significado do termo original. No entanto, o termo “matons” refere-se especificamente a um guarda prisional, ao passo que “bófiás” é utilizado na língua portuguesa para se referir a um guarda, não se referindo a nenhum tipo de guarda em específico.

Das várias possibilidades de tradução para o termo “crâne” (TP: 18), (cabeça, testa, crânio) é a palavra “crânio” que tem uma conotação mais forte e que pode reforçar a imagem de um homem decrépito, magro e frágil que corresponde à personagem em questão (Ress). Havendo uma correspondência directa para cabeça – “tête” e testa – “front”, pressupõe-se então que a intenção do autor ao optar pela palavra “crâne” justifica a opção do tradutor ao optar pela palavra “crânio”.

- **A adaptação de grafia:** Relativamente ao conjunto de palavras de origem russa presentes no texto de partida, há alguns aspectos que devem ser tidos em conta de forma a respeitar a coerência e uniformidade do texto. Visto que, na língua portuguesa, há alguma oscilação na grafia de certas palavras, é importante que o tradutor opte por uma única forma, mantendo-a ao longo de todo o texto. Para a presente tradução, foi utilizada a grafia preferencial do dicionário de língua portuguesa Houaiss.

Com a excepção da palavra *boudionovka* (TP: 67) (que será analisada mais adiante), as palavras de origem russa não estão assinaladas a itálico no texto de partida. Esta ausência de sinalização faz com que as palavras sejam naturalmente integradas no texto francês e por isso considera-se importante que não se aplique qualquer sinalização no texto de chegada, muito embora se saiba que elas não estão igualmente inseridas no vocabulário português.

Relativamente aos restantes vocábulos de origem russa, foi aplicada a grafia que consta no dicionário Houaiss. À palavra “isbas” (TP:82) do texto de partida foi acrescentada a acentuação -“isbás”- de forma a respeitar a convenção de escrita de língua portuguesa. As palavras “chapka” (TP:40), “apparatchik” (TP:17) e “intelligentsia” (TP:18) não sofrerão qualquer alteração dado que são grafadas da mesma forma na língua portuguesa. O nome do nobel russo, grafado “Soljenitsyne” (TP:14) no texto de partida, passará para “Soljenitsine”, sofrendo apenas a substituição do “y” pelo “i”. De acordo com o dicionário Houaiss, as palavras “nomenklatura” (TP:14) e “kolkhozes” (TP:75) podem ser grafadas de duas maneiras: utilizando o “k” ou o “c”. Cabe ao tradutor optar entre duas hipóteses. Tendo em conta a presença dominante do universo russo no texto de partida, justifica-se que o tradutor opte por manter a grafia original, destacando assim os vocábulos no texto, de forma a que o leitor reconheça a sua origem estrangeira. Deste modo, poderá evitar-se uma confusão devido

aos múltiplos significados da palavra “nomenclatura”. O uso da letra “k” denuncia a origem da palavra e por isso delimita e restringe o seu significado, clarificando o leitor.

4. Problemas do Par de Culturas

De acordo com o Código de Redacção Interinstitucional, a letra maiúscula inicial é usada em categorizações de logradouros públicos. Na tradução de palavras como “place Rouge” (TP: 33), será necessário acrescentar a letra maiúscula inicial à palavra “Praça”. O mesmo acontece com “terre” (TP:12) cuja tradução deverá também ser grafada com a maiúscula inicial.

Nas designações de factos históricos ou acontecimentos importantes, tais como “révolution d’Octobre” (TP:13), o tradutor terá igualmente de acrescentar a maiúscula inicial. No entanto, relativamente à palavra “révolution”, deverá ser mantida a letra minúscula inicial no caso de não se tratar de nenhuma revolução em específico, tal como no segmento: “une révolution qui effacerait la haine de la face du monde” (TP:92).

Na língua portuguesa, os pronomes demonstrativos correspondem a uma realidade tripartida: *este*, *esse* ou *aquele* dizem respeito a três divisões espaciais em que o corpo do sujeito é o ponto primordial de orientação. Porém, a divisão espacial não é a mesma na língua francesa; sendo, neste caso, uma divisão bipartida: *celui-ci* e *celui-là*. No exemplo que se segue, o tradutor é confrontado com um demonstrativo que revela alguma ambiguidade: “l’impossibilité de quitter ce pays” (TP:39). Neste segmento coloca-se a questão de saber qual a posição do narrador em relação ao país de que fala. Havendo a possibilidade de traduzir “ce” por “este”, por “aquele”, ou ainda por “o”, o tradutor deverá optar, tendo em conta a posição do narrador na totalidade da obra. Após uma análise cuidada do texto na sua globalidade, o tradutor deverá saber se existe alguma indicação reveladora da posição do narrador relativamente ao país a que se refere neste segmento em específico. Não havendo nenhuma indicação clara quanto a este posicionamento, o tradutor poderá optar por traduzir da seguinte forma: “a impossibilidade de abandonar o país”.

O espaço da narrativa levanta ainda algumas questões pertinentes para a tradução: tendo em conta o facto de se tratar de um clima muito frio, há alguns termos presentes no texto de partida que podem constituir alguma dificuldade para um tradutor português. À partida, não tendo o tradutor contacto com certos fenómenos climáticos que são frequentes no espaço russo e especificamente siberiano, poderá não identificar de imediato os termos que correspondem a tipos de neve ou gelo, assim como as suas características. Embora haja, na língua portuguesa, termos que correspondem aos termos franceses encontrados no texto original, eles não fazem parte do conhecimento geral dos leitores e tradutores, exigindo assim alguma pesquisa. Para a tradução de termos como “congères” (TP:43), “crôte” (TP:40), “neige (...) bleue” (TP:36) e “banquise” (TP:91) surgiu a necessidade de consultar o “Glossário da língua portuguesa da neve, do gelo e termos correlatos”. Mesmo assim, foi por vezes necessário recorrer a explicitações e acrescentos para explicitar o seu significado em português, tal como aconteceu com a tradução do termo “croûte” por “crosta de neve”.

Da mesma forma, o leitor poderá ainda estranhar alguns dos elementos que constituem a descrição de uma paisagem nórdica, tipicamente siberiana. O leitor português não estará certamente familiarizado com a cor azulada que a neve pode adquirir devido à sua elevada espessura e, no entanto, a “neve azul” é um elemento descritivo bastante recorrente no texto de partida. O tradutor deverá ter em conta todos estes aspectos, tendo consciência de tudo aquilo que é susceptível de provocar um efeito de estranhamento no leitor, ou seja, difícil de compreender por não pertencer ao seu mundo físico e climático.

O termo “mistral” (TP:48), que designa um vento catabático que sopra no sul de França constitui outro elemento que poderá não ser conhecido pelos leitores de língua portuguesa.

Apesar de os exemplos supracitados poderem aumentar o grau de estranheza do texto de chegada, é importante manter este efeito, em prol do seu enriquecimento cultural. O leitor poderá ser confrontado com termos que desconhece, mas compreensíveis ou pelo contexto em que são usados ou através das explicitações ou acrescentos introduzidos pelo tradutor, surgindo assim oportunidade de alargar o seu vocabulário e até a própria língua de chegada.

No entanto, há também no texto de partida alguns detalhes que devem sofrer algumas alterações de forma a não interferirem com a fluência da leitura, ajudando o leitor na compreensão do texto. O segmento “couleur de brou” (TP:64), que é a cor da tinta que é extraída do pericarpo da noz, poderá não ser facilmente compreendido pelo leitor. De facto, esta técnica de extracção de tinta não é do conhecimento geral do público português e, não sendo um pormenor especialmente significativo, poderá ser simplesmente substituído por algo mais acessível, tal como “cor escura”.

III

Considerações finais

Apesar de uma obra literária ser, em primeiro lugar e acima de tudo, uma criação artística, pode também ser considerada como um produto comercializável. Sendo, tanto a escrita como a tradução, actividades económicas, o leitor torna-se o consumidor e o tradutor/escritor torna-se o fornecedor de serviços. Deste ponto de vista, a tradução passa a ser uma troca comercial que deve necessariamente cumprir uma série de requisitos de forma a responder às necessidades dos consumidores.

No que diz respeito à tradução de um romance, o tradutor deverá ter em conta o facto de a obra se tratar de um produto que é destinado a um consumidor.

O destino final de um texto de chegada será certamente decisivo no que diz respeito à forma como o texto é abordado pelo seu tradutor, determinando a posição teórica escolhida pelo mesmo.

O tradutor, ao procurar responder às necessidades dos seus leitores e ao ter em conta todos os aspectos que poderão influenciar a recepção do texto, estará a seguir um modelo funcionalista, em que o efeito produzido pelo texto de chegada irá determinar a resolução dos problemas encontrados durante o acto tradutivo.

Para este trabalho foi seguida uma abordagem funcionalista, em que o efeito do texto de chegada foi o principal elemento a ter em consideração durante a resolução dos problemas enfrentados.

*From the non-translator's external perspective, the text as a product or commodity is most important.*³⁸

Por esta razão, a tradução do excerto da obra de Andreï Makine poderá servir de base para uma tradução do texto integral e posterior publicação. Este trabalho poderá assim constituir uma ferramenta útil para a tradução das obras deste autor, auxiliando o tradutor a tomar consciência da complexidade da tarefa tradutiva, detectando a ambiguidade dos termos e avaliando as várias soluções possíveis para cada problema.

³⁸ Robinson, D. (1997). *Becoming a translator*. New York: Routledge.

Bibliografia

Allen, S. L. (2006). Makine's testament: Transposition, Translation, Translingualism, and the transformation fo the novel. *RiLUnE* , pp. 167-186.

Arrojo, R. (2000). *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática.

Bellemare-Page, S. (2004-2009). *Par delà l'histoire - REGARDS SUR L'IDENTITÉ ET LA MÉMOIRE. DANS L'ŒUVRE D'ANDREÏ MAKINE* . Laval-Paris: Un. Laval.

Bellemare-Page, S. (2010). *Par delà l'histoire. Regards sur l'identité et la mémoire dans l'oeuvre d'Andreï Makine*. Québec: Université de Laval.

Britto, P. H. (2010). O tradutor como mediador cultural. *Synergies-Brésil* , 135-141.

Código de Redacção Interinstitucional. (2012, 04 30). Retrieved 05 28, 2013, from Europa: <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-4100700pt.htm>

Hüsgen, T. J. (1995). Um contributo para uma nova abordagem da crítica da tradução literária. *Actas do Segundo Congresso de Literatura Comparada* (pp. 251-254). Porto: Associação portuguesa de literatura comparada.

Nazarova, N. (2005). *Andreï Makine, Deux facettes de son oeuvre*. Paris: L'Harmattan.

Nord, C. (2008). *La traduction: une activité ciblée*. Arras: Artois Presses Université.

Nord, C. (2006). Loyalty and Fidelity in Specialised Translation. *Confluências - Revista de Tradução científica e técnica* .

Robinson, D. (1997). *Becoming a translator*. New York: Routledge.

Entrevistas:

Makine, A. (2009, Março). (S. K. Dehghan, Interviewer)

Makine, A. (2002, Abril). Andreï Makine. (J.-L. Tallon, Interviewer)

Makine, A. (2010, Abril). La littérature, science du salut. (M. L. Clément, Intervieweur)

Makine, A. (2007). La traduction est une création. (C. M. Kochko, Interviewer)

Makine, A. (2009, Janeiro). Ma langue grand-maternelle. (T. Clermont, Interviewer)

Makine, A. (2011). Osmonde sort de l'ombre. (A. D. Larminat, Interviewer)

Makine, A. (1995, Novembro 13). *www.ina.fr*. Retrieved Março 29, 2013, from Ina: <http://www.ina.fr/video/CAC95062560>

Obras do autor:

Makine, A. (1995). *Le Testament français*. Paris: Mercure de France.

- Makine, A. (1996). *Au temps du fleuve amour*. Paris: Gallimard.
- Makine, A. (2000). *Requiem pour l'Est*. Paris: Mercure de France.
- Makine, A. (2004). *La musique d'une vie*. Paris: Points.
- Makine, A. (2005). *La femme qui attendait*. Paris: Points.
- Makine, A. (2006). *Cette France qu'on oublie d'aimer*. Paris: Flammarion.
- Makine, A. (2007). *L'amour humain*. Paris: Points.
- Makine, A. (2011). *Le livre des brèves amours éternelles*. Paris: Éditions du Seuil.